

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

Ana Luísa Rodrigues de Souza Antonioli

**COSTURANDO HISTÓRIAS**  
Moda e memória na capital catarinense

Florianópolis  
2025

Ana Luísa Rodrigues de Souza Antonioli

## **COSTURANDO HISTÓRIAS**

Moda e memória na capital catarinense

Relatório Técnico do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Disciplina JOR 6803 - Trabalho de Conclusão de Curso, professora Melina de la Barrera Ayres  
Orientador: Profa. Flávia Garcia Guidotti

Florianópolis

2025

Ficha de identificação da obra

Antonioli, Ana Luísa Rodrigues de Souza  
Costurando Histórias : Moda e memória na capital  
catarinense / Ana Luísa Rodrigues de Souza Antonioli ;  
orientadora, Flávia Garcia Guidotti, 2025.  
134 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,  
Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo sobre Moda. 3.  
Documentário Jornalístico. 4. História da moda em  
Florianópolis. 5. Modateca. I. Guidotti, Flávia Garcia.  
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Jornalismo. III. Título.

Ana Luísa Rodrigues de Souza Antonioli

## **COSTURANDO HISTÓRIAS**

Moda e memória na capital catarinense

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2025.

---

Profa. Dra. Flávia Garcia Guidotti  
Coordenador do Curso

### **Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Flávia Garcia Guidotti  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Dra. Melina de la Barrera Ayres  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Dr. Fernando Antonio Crocomo  
Avaliador  
Universidade Estadual de Santa Catarina

À minha mãe, Rita de Cássia Rodrigues de Souza, por ser exemplo de garra, força e dedicação; por ter me apoiado; por não ter me deixado desistir. Eu te amo!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família. Vocês são o suporte para que eu consiga realizar todos os meus sonhos. Obrigada por me fortalecerem em todos os momentos, ainda que de longe. Por todo amor e carinho, obrigada.

À minha mãe, Rita, um agradecimento especial. Você é minha luz e meu guia em todos os momentos — dos alegres aos mais difíceis. Agradeço por ser suporte e por conseguir me dar colo ainda que de longe. Sem você, não teria conseguido chegar até aqui. Por me apoiar e nunca deixar que eu desista, obrigada.

Ao meu pai, Renato, por toda confiança depositada em mim. Agradeço por sempre me lembrar do meu potencial, celebrar cada conquista ao meu lado e me ajudar em cada trabalho ao longo de toda minha trajetória — desde a escola até a graduação. Por todos os ensinamentos e por ser inspiração, obrigada.

Ao meu irmão, Hugo, por ser minha casa nesse mundo. Você é meu bem mais precioso e nada faria sentido sem você ao meu lado. Agradeço por me fazer rir quando eu queria chorar, por me motivar e encorajar ao longo desse processo. Por nunca me deixar esquecer que sou capaz de conquistar meus sonhos, obrigada.

Ao meu namorado, Leandro, por todo carinho e parceria. Sem sua ajuda, eu não teria finalizado este trabalho. Agradeço por ter estado ao meu lado e ter enfrentado o turbilhão de emoções que foram os últimos meses. Por ter tornado a trajetória mais leve e fazer com que eu me sinta única, especial e segura, obrigada.

Aos meus avós, Francisco e Maurilha, por serem a base de tudo. Sem vocês, eu não seria nada. Agradeço por serem exemplos de luta e por sempre nos incentivarem a buscar conhecimento. Por terem batalhado tanto e me apoiado a seguir meu sonho independente da distância e saudade, obrigada.

À minha amiga, Ana Clara, por ter dividido comigo o sonho de cursarmos jornalismo juntas. Sem você, essa trajetória não seria a mesma. Agradeço por todos os momentos compartilhados nesses últimos anos. Por ter estado ao meu lado e viver comigo cada fase da vida, obrigada.

Às minhas amigas, Amanda, Ana Carolina, Júlia e Nathalia, por terem me acompanhado ao longo dos últimos anos. Vocês me mostraram o verdadeiro sentido da amizade. Com vocês aprendi que ela é o melhor presente que podemos receber. Por terem sido minha família na ilha, obrigada.

Ao *videomaker* e editor deste documentário, Bruno, por toda parceria ao longo deste processo. Você embarcou de cabeça neste meu sonho de criar um documentário, fazendo com que eu atingisse um resultado que nunca ousei imaginar. Por ter sido tão paciente, obrigada.

À minha orientadora, Flávia, por toda paciência e compreensão ao longo deste processo. Você me acolheu e respeitou toda minha ansiedade, sendo muita cuidadosa com as palavras. Por aceitar conduzir o meu trabalho, obrigada.

Aos meus professores, Áureo e Locatelli, por terem aceitado participar deste projeto tão importante para mim. Vocês foram marcantes em minha trajetória no curso. Agradeço por todo ensinamento transmitido. Pelos momentos de aula e também pelos de descontração, obrigada.

Por fim, agradeço Cláudia, Ana, Carolina, Beirão, Luciane, Olga e dona Nelza. Devo a vocês este trabalho. Por me receberem em suas casas, acreditarem neste projeto e confiarem suas histórias a mim, obrigada.

Desde la memoria íntima podemos acceder a otros  
conocimientos sobre la memoria colectiva.

Clara Morales

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda a relação entre a moda e o contexto social-político-econômico na segunda metade do século XX, em Florianópolis, com foco na modernização da capital. Em formato de documentário, ele mostra, a partir das vestimentas do acervo da Modateca — Projeto de Extensão Permanente da Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc) — e das histórias de familiares, clientes e amigos dos costureiros Olga Mafra e Galdino Lenzi, como viviam as pessoas neste período, relacionando vivências pessoais, histórias familiares e o contexto histórico brasileiro e mundial. Além disso, valoriza a moda brasileira e conscientiza a comunidade sobre a importância da memória material para o estudo e entendimento da história. O documentário foi feito em formato participativo com narrador em off e passagens, tendo, ao todo, quarenta e cinco minutos.

**Palavras-chave:** Jornalismo sobre Moda; Documentário Jornalístico; História da moda em Florianópolis; Modateca.

## ABSTRACT

This Degree Final Project explores the relationship between fashion and the socio-political-economic context in the second half of the 20th century in Florianópolis, focusing on the modernization of the capital. In a documentary format, it presents, through the garments from the collection of the Modateca — a Permanent Extension Project of the State University of Santa Catarina (Udesc) — and the stories of family members, clients, and friends of the dressmakers Olga Mafra and Galdino Lenzi, how people lived during this period, connecting personal experiences, family histories, and the Brazilian and global historical context. Additionally, it highlights Brazilian fashion and raises awareness in the community about the importance of material memory for the study and understanding of history. The documentary was produced in a participatory format, featuring an off-screen narrator and transitions, with a total runtime of forty-five minutes.

**Keywords:** Fashion Journalism; Journalistic Documentary; History of Fashion in Florianópolis; Modateca.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

Udesc - Universidade Estadual de Santa Catarina

BU - Biblioteca Universitária

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>6</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
1.1 Objetivos	14
1.1.1 Objetivo geral	14
1.1.2 Objetivos específicos	14
<b>2 DESENVOLVIMENTO</b>	<b>15</b>
2.1 Contextualização do Tema	15
2.1.1 Relação moda e história	15
2.1.2 A modernização de Florianópolis	17
2.2 Referencial Teórico	19
<b>3 DESCRIÇÃO TEMÁTICA</b>	<b>22</b>
<b>4 PROCESSO DE PRODUÇÃO</b>	<b>24</b>
4.1 Definição de pauta	24
4.2 Pré-apuração	25
4.3 Entrevistas	27
4.4 Sessão de fotos	36
4.5 Decupagem e roteirização	37
4.5 Pesquisa em acervos iconográficos	39
4.6 Gravações externas	40
4.7 Edição	41
<b>4 RECURSOS E ORÇAMENTOS</b>	<b>44</b>
<b>5 DIFICULDADES E APRENDIZADOS</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>50</b>
APÊNDICE A – CATALOGAÇÃO DAS PEÇAS	52
APÊNDICE B – ROTEIROS DE ENTREVISTAS	59
APÊNDICE C – SLIDES DAS APRESENTAÇÕES USADAS NAS ENTREVISTAS	61
<b>ANEXOS</b>	<b>119</b>
ANEXO A – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE	119
ANEXO B – FICHA DE TCC	122
ANEXO C – TERMO DE EMPRÉSTIMO E RESPONSABILIDADE (DMO)	122
ANEXO D – DECLARAÇÃO DE USO DE IMAGEM	124
ANEXO E – DECLARAÇÃO DE PESQUISA EM ACERVO ICONOGRÁFICO	130

## 1 INTRODUÇÃO

A Modateca, Projeto de Extensão Permanente da Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc), é um acervo de peças destinado à preservação da história da moda e do vestuário. Iniciado em março de 2003, no curso de Bacharelado Design em Moda do Centro de Artes da Udesc, ela reúne peças doadas por professores, alunos e apaixonados pela história da moda. Todos os artigos são coletados, catalogados e restaurados.

Atualmente, está localizada no prédio da Biblioteca Central da Udesc e reúne peças do vestuário, trajes de uso pessoal e coleções de antigos modistas, alfaiates, costureiros, plissadeiras, chapeleiros e bordadeiras. Além de peças de roupas, a Modateca conta com acessórios, livros, periódicos, catálogos, revistas e fotografias.

Dentre os estilistas presentes no acervo, estão nomes como Olga Mafra, Dorotéia Couto, Galdino Lenzi, José Gomes, Érica Wise Thiesen, Gesoni Pawlick e Nilma Vieira. E também criações de outros profissionais renomados como Hubert de Givenchy, Christian Dior, Valentino, Denner Pamplona de Abreu, Rui Spohr, Mary Steigleder, João Francisco Goldmann e Reinaldo Lourenço.

Abrigando uma representação do que foi a moda no século XX, a coleção da Modateca permite entender questões e abrir novas problemáticas dentro do estudo e da produção de moda no Sul do país. Com peças que datam do final do século XIX até o século XXI, o Projeto abriga uma rica memória material do Brasil.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural (IPHAN), bens materiais são definidos conforme os quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Dessa forma, bens preservados por acervos e museus, como a Modateca, possuem relevância histórica. A partir deles é possível desenvolver estudos e entender a realidade do período das peças.

Considerando a relevância do acervo, foi em 2023, após uma visita à Modateca realizada na matéria de Jornalismo de Moda que decidi trazer luz ao tema. A Modateca sofria com os cortes de verbas das Universidades e tinha seu acervo prejudicado pela falta de dinheiro para manutenções básicas, conservação dos materiais e até mesmo de pessoas para atender a demanda de visitação.

Pensando na relevância histórico-cultural, surgiu a ideia de um documentário que mostrasse a importância de preservar e, para além disso, perpetuasse a memória contida no acervo. Ainda que tenha se tornado, em fevereiro de 2024, um Projeto de Extensão

Permanente, ganhando verba para sua existência e continuidade, a Modateca não tem a visibilidade e relevância que deveria ter, socialmente falando.

Pensando na relevância histórica do acervo e em uma afinidade pessoal com a moda, surgiu a ideia de realizar este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Desde o início do curso, o jornalismo de moda sempre foi a minha escolha de carreira. Ainda que algumas pautas tenham tido sua relevância questionada pelo corpo docente, tive ainda mais certeza que meu TCC deveria ser voltado a mostrar a importância do jornalismo de moda.

Entre algumas ideias para o projeto, a visita na Modateca foi decisiva para a minha escolha. Isto porque venho de uma família de historiadores e a parte de preservação da memória sempre foi pauta em minha vida. Vi no acervo uma oportunidade de documentar parte da história de Florianópolis a partir de uma visão diferente do que é aprendido nas escolas. Através de um olhar jornalístico, entendi que eu poderia colocar em destaque a moda, através da história de pessoas reais. Assim, percebi que unindo moda e história eu conseguiria realizar um trabalho que me representasse e trouxesse minha bagagem familiar.

Deste modo, esse TCC documenta a história existente por trás de algumas peças e *personas*, objetivando mostrar que aquelas vestimentas contam histórias pessoais, nacionais e até mundiais. Por trás de cada renda, corte, costura, há um porquê daquilo, seja este porquê uma tendência ou até mesmo uma questão econômica, como a falta de tecido ocasionada pela 2ª Guerra Mundial, por exemplo.

Para retratar essas histórias, foram selecionadas dois costureiros, Olga Mafra e Galdino Lenzi, que serviram como ponto de partida para entender o modo de vida e os hábitos da época. A partir de tais *personas*-chave foram feitas entrevistas com pessoas ligadas a elas e as vestimentas. Tais histórias foram costuradas com um panorama do contexto social-político-econômico do século XX em Florianópolis. Isto, com o objetivo de mostrar como tais peças e escolhas pessoais de vestuário estão atrelados a um contexto mais geral.

O documentário tem aproximadamente quarenta e cinco minutos e atravessa a história dos dois costureiros a partir das vivências de seus familiares, clientes e amigos. Assim, foi possível revisitar as histórias pessoais e contextualizar de uma melhor forma o período em que estavam inseridas.

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo geral**

Desenvolver um documentário mostrando como a moda produzida localmente foi um instrumento importante no contexto social-político-econômico da segunda metade do século XX em Florianópolis com foco em dois costureiros da cidade: Olga Mafra e Galdino Lenzi.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

Para alcançar tal objetivo geral, foram cumpridos os seguintes objetivos ao longo do projeto:

- a) Destacar o papel da moda da segunda metade do século XX em Florianópolis, com ênfase em seu papel na modernização da cidade;
- b) Documentar as histórias de vida e o legados dos costureiros Olga Mafra e Galdino Lenzi, relacionando suas trajetórias ao contexto da moda em Florianópolis;
- c) Explorar as vivências pessoais, histórias familiares e o cenário histórico da época, evidenciando o papel da moda nesses processos;
- d) Sensibilizar os espectadores para a importância da preservação da memória material e do patrimônio têxtil como forma de preservação da história.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Contextualização do Tema**

O tema central deste trabalho é a relação entre as vestimentas e o contexto social-político-econômico da segunda metade do século XX na região de Florianópolis. Trata-se de um estudo interdisciplinar que compreende e analisa como as vestimentas podem representar e contar sobre o período histórico em que estão localizadas. Mais especificamente, o trabalho investiga como o contexto das respectivas épocas molda a relação das pessoas com as roupas e também o caminho inverso; como a moda contribui para o contexto político-social-econômico e principalmente familiar.

Pensando nesta relação de via de mão dupla, o trabalho coloca paralelamente os comportamentos, ambições, desejos e hábitos adquiridos com os eventos históricos mais significativos da época, trazendo uma noção do micro *versus* macro. Isso a partir da moda e das lembranças afetivas dos parentes, clientes e amigos de Olga Mafra e Galdino Lenzi.

#### **2.1.1 Relação moda e história**

Por vezes a moda foi colocada em um lugar secundário nos mais diversos campos de estudo. Vista como futilidade ou algo que não merece ser objeto de estudo, a moda, muitas vezes, foi associada ao universo feminino, sendo conseqüentemente colocada em uma posição subalterna, assim como as mulheres. Por meio de uma violência simbólica (Bourdieu, 1997), naturalizou-se esse lugar aquém da sociedade, tanto para as mulheres quanto para a moda.

Para tanto, ao olhar para uma definição encontrada no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, moda é definida como um “Fenômeno social ou cultural, de caráter mais ou menos coercitivo, que consiste na mudança periódica de estilo, cuja vitalidade provém da necessidade de conquistar ou manter uma determinada posição social”. Logo, entende-se que esta abrange uma complexidade que vai para além de um fenômeno exclusivamente feminino. Isso porque a relação do ser humano com a vestimenta, ainda que busque e retrate as posições sociais — como na definição do dicionário —, ultrapassa a ideia de que ela serve apenas como distinção social. “A moda é um fato social total, visto que além de ser simultaneamente artística, econômica, política, sociológica, ela atinge questões de expressão da identidade social.” (Godart, 2010, p. 17).

Isto posto, este trabalho traz um olhar sociológico para moda, colocando-a na posição de *fato social* (Durkheim, 1895). À medida que ela retrata características de seu período, podemos estudar e entender seu papel dentro da história.

Buscando o entendimento desta relação, chegamos a Malcom Barnard. Para ele, a relação entre *moda* e *história* pode ser definida a partir de cinco relações distintas: (1) história como cenário e moda como personagem principal; (2) história como contexto para a moda; (3) moda como agente transformador da história; (4) moda e história como antagonistas; (5) moda não possui relação com a história. Tais relações se colocam em posições consideravelmente distintas, mas que trazem uma luz para a compreensão do conceito.

A primeira coloca a *história* como uma sequência de eventos que acontecem servindo como o segundo plano para a moda. Assim, a *moda* é o evento principal e as duas não são pensadas como fatores que se relacionam de maneira significativa. (Barnard, 2007, p. 58-59)

Na segunda teoria, a *história* é um contexto para a *moda*, isto é, ela serve como ambientação, sendo refletida pela moda. Neste sentido, a moda teria seus símbolos e significados derivados do contexto histórico específico em que estão inseridas. Assim sendo, a vestimenta não seria apenas reflexo de mudanças sociais e de gênero, mas sim a mudança (Barnard, 2007, p. 61).

A partir disto, surge a terceira vertente, a *moda* como agente transformador da *história*. Ela seria capaz de, para além de produzir, transformar a história. Tal posição difere significativamente das anteriores, pois nas duas primeiras a história preexiste à moda, já nesta ela só é possível graças à moda.

Na quarta vertente, *moda* e *história* são colocadas como antagonistas. A primeira não influencia as mudanças sociais, sendo o contrário também válido. Ainda que não influem uma à outra, seguem lado a lado.

Por fim, a quinta colocação de Barnard é, talvez, a mais radical. Nesta a *moda* não tem relação com a *história*, sendo a relação entre as duas inexistente. Isto porque, nesta visão, a moda não passaria de uma sequência de estilos diferentes e a história iria para além de uma sequência de fatos e eventos. Assim, não haveria necessidade de relacionar os dois conceitos.

Independentemente da vertente adotada para entender a relação entre *moda* e *história*, seu estudo sociológico é válido. Considerando-a um *fato social* que, por consequência, retrata características de seu período, conseguimos buscar a compreensão do seu papel dentro da história. Ainda que insistamos em escolher a quinta relação estabelecida por Barnard, esta

deixa de fazer sentido ao olhar pela perspectiva de Godart e Durkheim de que a moda é um *fato social* e, por isso, tem uma relevância e relação intrínseca com a história.

### **2.1.2 A modernização de Florianópolis**

A partir da década de 1930, Florianópolis iniciou um processo de transformação urbana que alterou significativamente sua paisagem e dinâmica social. Até então, a cidade era caracterizada por chácaras, casarões e ruas estreitas, refletindo uma estrutura mais tradicional. Além disso, a vida cotidiana, os eventos e os encontros entre as pessoas ocorriam majoritariamente no centro. A cidade se resumia a essa região, pois nela estavam localizados o comércio, escolas, clubes, cinemas e outros espaços de convivência social. As áreas mais afastadas eram frequentadas durante o período de férias, sendo comum as casas de veraneio, onde as famílias da elite catarinense passavam os três meses de verão.

Outra característica relevante para entender este cenário foi a ocupação da ilha. No sul do Brasil, houve por determinação da Coroa Portuguesa a criação de algumas vilas — São Francisco do Sul, Nossa Senhora do Desterro e Santo Antônio dos Anjos de Laguna. Todas fundadas em posições estratégicas em relação ao Tratado de Tordesilhas. Esses povoados tinham como função ocupar um espaço que era de posse portuguesa, mas que ficava exposto à dominação espanhola.

Desta forma, a colonização que iniciou-se no século XVIII se deu por meio do assentamento de imigrantes açorianos em lotes cedidos pela Metrópole. A partir das pequenas propriedades rurais surgiram núcleos centrais, que posteriormente se desenvolveram até a categoria de cidades. Assim, a cidade de Florianópolis caracterizou-se pela presença da pequena propriedade, sofrendo uma forte influência da cultura açoriana.

Devido ao isolamento da cidade em relação ao continente, graças a falta de uma estrada de expressão que ligasse Desterro ao resto do estado, a sobrevivência dos moradores baseava-se em uma pequena produção mercantil. Outra consequência, foi a urbanização tardia da região, que em grande parte, mesmo com alguns investimentos do Estado, ficou restrita a uma dinâmica local.

Desta forma, foi somente no século XX, com a construção da Ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926, que a ilha começou um processo mais acelerado de urbanização. A ponte foi um marco importante por facilitar a ligação entre a ilha e o continente, promovendo a expansão urbana e a valorização de novas áreas para construção. Ainda assim, Florianópolis permanecia, em grande parte, como uma cidade rural.

A partir do final dos anos cinquenta, o processo de urbanização local foi consolidado. Assim como muitas outras cidades brasileiras, tal desenvolvimento deve-se em grande parte pelos investimentos por parte do Estado, principalmente falando em infraestrutura básica (portos, rodovias, vias secundárias, escolas, hospitais, fornecimento de água, de luz, esgoto, sistema de transporte, etc.).

A partir disso, várias empresas vieram para Florianópolis, como é o caso da Telesc e Eletrosul, o que impulsionou a prestação de serviços públicos, o surgimento de vagas e oportunidades de emprego tanto nas empresas, quanto nas casas das famílias ricas da ilha e, conseqüentemente, o crescimento econômico da cidade.

Com este avanço, várias regiões de Florianópolis passaram a ser aterradas para dar lugar a novas edificações, incluindo prédios e empreendimentos urbanos diversos. O primeiro aterro foi realizado no começo da década de 70, alterando radicalmente a relação entre a arquitetura e o meio ambiente da cidade. Nessa época, o governador do estado era Colombo Machado Salles, que tinha como principal objetivo da sua gestão abrir espaços para o crescimento urbano e possibilitar a construção da segunda ligação ilha-continente que leva seu nome. No projeto inicial, estava previsto a criação de uma área de 400 mil metros quadrados, deslocando 2 milhões de metros cúbicos de areia, que seria retirada do banco de Tipitinga, no meio da Baía Sul. Quando o aterramento foi finalizado, iniciou-se a obra para construção da ponte Colombo Machado Salles, inaugurada em 1975.

O aterro alterou a dinâmica do comércio na orla central, iniciando-se transformações urbanas no Centro Histórico, que perdeu sua identidade litorânea pelo seu gradativo afastamento do mar. O trapiche municipal “Miramar” na Praça XV de Novembro foi derrubado. Na borda urbana central, onde os barcos chegavam e permaneciam ao longo do Mercado Público e da Alfândega, constroem-se novos aterros destinados a infraestruturas viárias, como estações de ônibus e estacionamentos. (Zapatel, 2014).

Uma cidade que antes preservava a cultura açoriana viu parte de sua identidade se transformar devido aos aterros que afastaram o mar da região central. Na Baía Sul, foram realizados quatro aterros, começando pela Prainha. Em seguida, veio o aterro do DNOS (Departamento Nacional de Obras de Saneamento), seguido pelo aterro da Baía Sul. Por fim, a última região aterrada foi a Via Expressa Sul. Os dois últimos foram essenciais para a implementação de um novo sistema viário, projetado para melhorar o fluxo de trânsito no Centro e nas direções Sul e Leste da ilha, além do acesso ao aeroporto. No entanto, as promessas de criar parques e manter as características coloniais de Florianópolis não foram respeitadas.

Com a especulação imobiliária, muitas construções deram lugar a grandes prédios que, de nenhuma maneira, dialogam com as edificações coloniais. Muitos bares que ficavam à beira-mar, como o tradicional Miramar, hoje não passam de monumentos inócuos. (Martins, 1999).

Dessa forma, a verticalização tornou-se uma característica marcante da cidade. Esse processo foi impulsionado por diversos fatores, incluindo a necessidade habitacional, a modernização e novas formas de viver e conceber a cidade. A indústria da construção civil desempenhou um papel fundamental nesse contexto, movimentando uma extensa cadeia produtiva, desde materiais para a construção até a fase de comercialização.

A criação de faculdades e a instalação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 1960, foram fatores determinantes para esse desenvolvimento. A presença da UFSC atraiu uma população estudantil e acadêmica significativa, fomentando a demanda por novas habitações e serviços, o que contribuiu para a intensificação da verticalização na cidade.

Logo, a modernização de Florianópolis não se restringiu apenas ao aspecto físico da cidade, mas também influenciou os hábitos e comportamentos de seus habitantes. A adoção de novas formas de morar, como os apartamentos em edifícios altos, refletiu mudanças nas dinâmicas sociais e culturais da população.

## 2.2 Referencial Teórico

O produto deste TCC é uma vídeo-reportagem, em formato de documentário participativo. Tal escolha foi motivada por uma série de fatores, sendo o mais importante a facilidade do acesso e proximidade do grande público com o gênero. Ainda que, dentre os gêneros cinematográficos, o documentário não seja o mais popular, pensando nas possibilidades de experimentação jornalística, ele é o que consegue atingir mais facilmente o público.

Considerando o objetivo deste TCC de conscientizar o grande público sobre a importância da preservação da memória, o documentário consegue trazer para discussão do cidadão comum, um conhecimento que circula basicamente entre a comunidade acadêmica. Tal ideia surge a partir do conceito de *public history* (Kelley, 1976), isto é, da história aplicada para acesso ao grande público.

Arquivos de museus, galerias, páginas da internet sobre a moda e a sua história são ótimos canais de divulgação, atraindo o público para a consciência de um grande

patrimônio, restrito ao círculo de conhecimento quase exclusivo da comunidade acadêmica. (Calanca, 2019)

Isto posto, a escolha foi pelo formato participativo, dentre os seis modos de documentários: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. (Nichols, 2001). Para Bill Nichols, o documentário participativo é aquele que “ênfatiza a interação do cineasta e o tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outra forma de envolvimento mais direto. Frequentemente, une-se às imagens de arquivo para examinar questões históricas”.

O produto foi feito com base nas entrevistas gravadas, sendo que a construção do roteiro surge a partir disto. Além delas, foi inserida uma voz *off* para explicar os acontecimentos históricos da época. Esta foi coberta por imagens e vídeos das respectivas épocas, retirados de acervos, como o Acervo Iconográfico do Estado de Santa Catarina, além das peças selecionadas da Modateca.

Outro ponto que torna este um documentário participativo, é a inserção das passagens gravadas no centro da cidade. Estas foram inseridas pontualmente, também como uma estratégia de ligação entre uma fala e outra dos entrevistados para tornar a narrativa mais coesa e dinâmica. Deste modo, é possível afirmar que este trabalho é um encontro entre quem está filmando e quem é filmado.

Nichols (2001) destaca que, no documentário participativo, o diretor desempenha um papel ativo na construção da narrativa, estabelecendo um diálogo direto com as fontes. Ainda que esses diálogos não apareçam diretamente no produto final, foram essenciais para extrair as informações dos entrevistados. A partir do momento em que há uma conexão entre a minha história pessoal com a costura e isso é compartilhado com as vivências do entrevistado, é possível construir uma narrativa que torna a relação entre entrevistador e entrevistado parte do conteúdo do filme — mesmo que indiretamente. Esta abordagem permite um nível maior de espontaneidade e autenticidade nas falas registradas, algo essencial para um projeto que busca valorizar a memória oral e a preservação histórica.

No caso deste documentário, essa interação direta também se reflete na escolha das locações e na forma como as entrevistas foram conduzidas. Ao gravar dentro das casas dessas pessoas, é possível, para além de registrar os relatos dos entrevistados, captar o ambiente em que essas memórias se perpetuam, reforçando a conexão entre moda, história e identidade cultural.

Quanto à linguagem, ela foi pensada a partir das definições de Nilson Lage. Ainda que o documentário tenha uma liberdade maior, principalmente pelo fato de ser participativo, o produto final aplicou as técnicas de uma linguagem clara, objetiva e direta, que busca atender às necessidades de comunicação de massa, além de conseguir informar seu espectador de maneira eficiente e compreensível (Lage, 1999).

Além disso, a narrativa do documentário é estruturada de forma a engajar o público por meio de elementos visuais e sonoros que auxiliam na construção do contexto histórico. Segundo Nichols (2001), a montagem e a escolha de recursos audiovisuais desempenham um papel fundamental na transmissão da mensagem em documentários participativos. Por isso, a edição do material seguiu uma lógica que privilegia a fluidez entre as falas dos entrevistados, as imagens de arquivo, as passagens e inserções de narrador em *off*, garantindo um ritmo que facilita a compreensão e o envolvimento do espectador.

### 3 DESCRIÇÃO TEMÁTICA

O documentário *Costurando Histórias: Moda e Memória na Capital Catarinense* explora a relação entre moda e o contexto social-político-econômico de Florianópolis na segunda metade do século XX, evidenciando como as vestimentas refletem e influenciam as transformações da cidade e de seus habitantes. A partir das peças preservadas no acervo da Modateca, um Projeto de Extensão Permanente da Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc), e dos relatos de amigos, clientes e familiares dos costureiros Olga Mafra e Galdino Lenzi, o documentário resgata memórias e analisa as mudanças ocorridas na capital catarinense durante esse período.

Ele é estruturado em dois blocos principais. O primeiro bloco apresenta a Modateca, sua origem e a importância da preservação da história da moda e do vestuário em Santa Catarina. Além disso, contextualiza como a pesquisa levou à escolha dos dois costureiros que servem como fio condutor da narrativa.

O segundo bloco foca diretamente nos costureiros, subdividindo-se em duas partes: Olga Mafra e Galdino Lenzi. Essa escolha se deu porque ambos tiveram seus períodos de maior relevância em momentos distintos: Olga, entre as décadas de 1940 e 1950, e Lenzi, entre 1960 e 1990. Seguindo uma ordem cronológica, o documentário utiliza suas trajetórias para contar a história da cidade e sua modernização. Assim, as informações sobre Olga aparecem primeiro, seguidas pelas de Lenzi, criando uma estrutura fluida e coerente para a narrativa.

Dado que ambos já faleceram – Olga, em 1995, e Lenzi, em 2016 –, as entrevistas foram realizadas com pessoas próximas a eles, garantindo um retrato fiel de suas histórias. Entre os entrevistados estão José Alfredo Beirão Filho, fundador e idealizador da Modateca; Nelza Mafra Huedepohl e Olga Mafra Huedepohl, filha e neta de Olga Mafra, respectivamente; Maria Carolina de Miranda Grieco, sobrinha-neta de Galdino Lenzi; e Ana Luiza Maia Pederneiras Ballstaedt, Cláudia Salles e Luciane Fialho Daux, clientes e amigas do estilista.

Além dos depoimentos, o documentário utiliza imagens de arquivo, registros audiovisuais da época e gravações atuais, criando uma linha do tempo visual e sensorial que reforça a conexão entre as memórias individuais e o panorama histórico da cidade. As narrações em *off* e passagens servem como fio condutor da narrativa, contextualizando os

relatos dentro do processo de modernização de Florianópolis, que passou por intensos processos de urbanização e verticalização entre as décadas de 1950 e 1990.

A escolha do formato participativo permite um envolvimento direto entre o entrevistador e os entrevistados, transformando as conversas em um espaço de troca de memórias. Essa abordagem reforça a ideia de que o documentário não apenas registra fatos históricos, mas também os reconstrói a partir das experiências e perspectivas dos entrevistados.

Dessa forma, *Costurando Histórias* vai além de um resgate de memórias individuais e coletivas, propondo uma reflexão sobre o impacto das transformações urbanas na cultura e identidade local. Ao destacar a moda como um reflexo e também como agente das mudanças sociais e econômicas, o documentário reafirma seu valor histórico e sua importância para a compreensão das dinâmicas que moldaram Florianópolis ao longo do século XX.

## **4 PROCESSO DE PRODUÇÃO**

### **4.1 Definição de pauta**

Desde o início do curso, eu tinha em mente que meu TCC seria na área de jornalismo de moda. Além disso, questões sociológicas e ambientais da moda sempre foram focos das minhas pesquisas e reportagens.

Foi durante uma aula da disciplina Jornalismo Especializado em Moda que surgiu a ideia de trabalhar com a Modateca. Eu tinha outra pauta em mente para este trabalho, mas, quando fui com os demais alunos da disciplina, ministrada por Flávia (orientadora deste TCC), até a Udesc para conhecer o curso de Moda, posso dizer que a pauta deste documentário me escolheu.

Por ser filha de historiadores e sobrinha de sociólogos, sempre me interessei por essas áreas. Dessa forma, me chamou a atenção uma das falas feitas durante a apresentação do museu pela técnica universitária Marlene Torrinelli e pela bolsista Juliana Tavares. Ao mostrar uma das peças do acervo, elas disseram que a renda daquele vestido era brasileira, pois as rendas europeias pararam de chegar ao país por causa da Segunda Guerra Mundial.

Aquilo ecoou na minha cabeça, e fiquei pensando por muitos dias sobre o acervo, sem imaginar que seria o tema do meu TCC. Sabia que ali havia muita história, mas essa fala me fez perceber a necessidade de mostrar que não se tratava apenas de peças de roupa, e sim de uma fonte material riquíssima. Essas peças são fonte de estudo da história de forma geral, e não apenas da história da moda, pois carregam nomes de costureiros, de famílias e, conseqüentemente, de toda uma sociedade. Isso uniu-se à minha crença e ao objetivo pessoal de mostrar a relevância da moda, dissociando-a de um espaço de futilidade – de ser apenas um tema do universo feminino e de tudo o que o feminino representa em uma sociedade pautada pelo machismo.

Falar sobre a Modateca é dar visibilidade a um Projeto de Extensão Permanente de uma universidade pública. Isso está plenamente alinhado à minha crença de que todos devem ter acesso a uma educação pública de qualidade e universal e, para além disso, ao ambiente universitário e ao que ele produz. Hoje, há um distanciamento da sociedade em relação à academia que precisa ser superado. As pessoas precisam saber que o conhecimento construído na universidade é um direito de todos, não apenas de alunos e professores.

Além disso, mostrar todo o potencial desse museu da moda também faz com que ele seja ainda mais valorizado. Tudo o que fica dentro do ambiente universitário acaba sendo

pouco explorado, sobretudo devido à falta de verba enfrentada pelos projetos de extensão das universidades públicas. Ainda que seja um Projeto Permanente, os recursos repassados muitas vezes não são suficientes para que ele atinja seu potencial máximo.

Com a pauta definida, houve a escolha do formato. O audiovisual sempre foi uma área de interesse e, pela crença de que a moda, assim como as artes, necessita da parte visual para ser completamente compreendida, eu sabia que precisaria produzir um material impresso, como revista e livro, ou uma reportagem em vídeo. Em razão dessa inclinação pelo audiovisual, optei por fazer um documentário.

Como a moda envolve uma grande questão imagética, uma produção audiovisual facilita a compreensão de quem está assistindo. Por isso, para ilustrar o enredo criado a partir das entrevistas e dos fatos históricos, foram utilizadas fotografias, vídeos, revistas, jornais e as próprias peças para situar o espectador no espaço-tempo.

Optar pelo formato de documentário me permitiu explorar detalhadamente os diversos aspectos da relação dos entrevistados com suas vestimentas, com os costureiros e com o período em que viveram. Não apenas questões diretas, como preferências e memórias, mas também as intangíveis, como as culturais, foram abordadas em vídeos e entrevistas que exploram cada uma dessas dimensões em profundidade.

Dessa forma, a ideia foi criar uma narrativa coesa que guiasse o espectador através do documentário, contextualizando o impacto das vestimentas no entendimento do próprio ser e de como esse ser se posiciona perante a sociedade a partir das peças, destacando as transformações ocorridas ao longo do tempo. Isso tornaria o produto mais convidativo, por atingir uma esfera pessoal de identificação, além de abarcar áreas como moda, história, sociologia e psicologia.

## **4.2 Pré-apuração**

A primeira etapa foi realizada majoritariamente entre agosto e setembro de 2024. A apuração começou com o projeto de TCC, que resultou na escolha das personas-chave. Ainda em agosto, tive um momento na Modateca com a bolsista Juliana Tavares para conversar e entender mais profundamente sobre cada uma das peças e sobre os períodos em que estavam inseridas.

Essa pesquisa na Modateca continuou por meio do acervo *online* disponível no site do projeto. Unindo a conversa com Juliana e a pesquisa realizada, percebi que dois nomes de costureiros se repetiam em várias peças: Olga Mafra e Galdino Lenzi. A partir disso, comecei

a investigar a trajetória desses nomes, descobrindo que ambos estavam entre os maiores costureiros da ilha.

Decidi catalogar as peças criadas por eles (Apêndice A) e percebi que os nomes de doadores e pessoas que haviam usado as peças também se repetiam. O sobrenome Daux apareceu diversas vezes, o que chamou minha atenção. Ao pesquisar no *Google*, encontrei Luciane Daux. Além do perfil no *Instagram* e múltiplas matérias sobre gastronomia – sua área de atuação profissional –, havia uma notícia sobre uma exposição no Shopping Beiramar que incluía uma foto dela.

Entrei em contato pelo *Instagram* e, prontamente, ela me respondeu. Marcamos uma conversa, e ela citou vários nomes que já haviam aparecido na catalogação das peças, além de fornecer contatos de familiares e clientes do Lenzi, bem como das atuais donas da loja Kotzias Tecidos, Moscopiá e Patrícia Kotzias.

No caso de Olga Mafra, fiz uma busca semelhante e encontrei o nome “Dra. Olga Mafra Huedepohl”, que era sua neta. Além disso, encontrei o perfil de sua mãe, Nelza Mafra Huedepohl, no *Instagram*. Entrei em contato por ali e já marcamos uma pré-entrevista.

Na sequência, contatei todos os nomes citados por Luciane e fiz uma pré-entrevista com os potenciais participantes para aprimorar o roteiro que seria utilizado nas gravações e entender se tinham interesse em participar. Além de Luciane, Olga e Nelza, entrei em contato com mais 13 pessoas. Algumas delas foram Maria Thereza Lenzi (filha do costureiro), Maria Carolina de Miranda Grieco e Nino Lenzi (sobrinhos-netos de Galdino Lenzi), Teresinha Gonzaga Daux (cliente do Lenzi), Cláudia e Rosali Salles (irmãs e clientes do Lenzi), Maristela Amorim (jornalista de moda), Adriana Füchter (fotógrafa), Graziela Morelli (professora de Ensino Superior do Curso de Design de Moda da Univali), Ana Luiza Maia Pederneiras Ballstaedt (cliente do Lenzi), Moscopiá e Patrícia Kotzias (donas da loja Kotzias Tecidos) e José Alfredo Beirão Filho (fundador da Modateca). Apesar de várias tentativas de contato, as donas da Kotzias Tecidos não me responderam, e acabei desistindo da tentativa.

Após as pré-entrevistas, decidi seguir com sete pessoas: Luciane Daux, Carolina Lenzi, Cláudia Salles, Ana Luiza Pederneiras, Nelza e Olga Mafra Huedepohl e José Alfredo Beirão Filho. Essas escolhas foram feitas principalmente em razão da disponibilidade para gravação. Como tive ajuda para realizar as captações das entrevistas, precisei adequar-me à agenda do *videomaker*, que tinha apenas dois sábados disponíveis em setembro.

No caso de Graziela, percebi que sua participação não atenderia ao objetivo do documentário. Embora tenha estudado sobre Lenzi, seu relato não teria a perspectiva pessoal

que eu buscava. Dessa forma, priorizei participantes que pudessem fornecer relatos diretos sobre Olga Mafra e Galdino Lenzi.

### 4.3 Entrevistas

Em setembro foram feitas as entrevistas. A ideia inicial era realizá-las dentro do Centro de Artes, Design e Moda (Ceart), na Udesc, para facilitar a locomoção e os deslocamentos com os equipamentos de gravação. Como o tempo era curto, conseguiríamos entrevistar mais pessoas em um período reduzido. Além disso, essa escolha foi feita por estar próxima da Modateca, localizada na Biblioteca Central da universidade, no bairro Santa Mônica, em Florianópolis. Isso porque eu pretendia levar as vestimentas até os entrevistados, e há um limite de peças que podem sair do acervo. Estando com o acompanhamento da coordenadora e/ou das bolsistas, o manuseio delas seria mais fácil.

Porém, novamente, devido à necessidade de conciliar a minha agenda, a do *videomaker* e a dos entrevistados, os únicos dias disponíveis para as gravações eram os sábados, 14 e 21 de setembro de 2024, dias em que tanto a Biblioteca Central quanto o Ceart estavam fechados. Dessa forma, precisei mudar os planos quanto ao local de realização das entrevistas.

Como o objetivo era que o espaço também refletisse as histórias contadas, optei por gravar dentro das casas dos respectivos entrevistados. Todos foram muito receptivos à ideia e, assim, pude agendar as gravações, que foram divididas do seguinte modo:

- 14 de setembro: Cláudia Salles, Ana Luíza Pederneiras e Carolina Grieco;
- 21 de setembro: Beirão, Luciane Daux, Nelza e Olga Mafra Huedepohl.

Com as gravações agendadas, passei a trabalhar no roteiro para as entrevistas (Apêndice B). Foram elaborados dois modelos: um para os entrevistados em geral e outro específico para o Beirão, contendo perguntas mais detalhadas sobre a Modateca. Para embasar as perguntas e a estrutura do roteiro, além da pesquisa prévia feita na pré-apuração, li o livro “Remodelando Corpos: a moda na Florianópolis de 1950”, escrito pelo fundador da Modateca.

Ambos os roteiros foram construídos com tópicos de interesse para a narrativa do documentário, em vez de perguntas fixas. Assim, havia uma questão mais geral, acompanhada por itens que deveriam ser abordados na resposta para orientar novas perguntas ao entrevistado. Os tópicos centrais do primeiro roteiro foram: introdução e contexto, relação com a moda, processo de criação, vivências, consumo e conservação da memória. No caso do

Beirão, os tópicos incluíram: criação da Modateca, tipos de peças presentes no acervo, valor das peças e classes sociais, costureiros, lojas físicas e *prêt-à-porter*.

Além das perguntas, combinei com as entrevistadas para que separassem peças e objetos que remetessem à época e aos costureiros. Dessa forma, poderíamos conversar sobre as memórias associadas a esses itens. Como complemento, elaborei apresentações no *Google Slides* (Apêndice C) com imagens de peças previamente catalogadas e que tinham alguma relação com os entrevistados.

Nos dois dias de gravação, registramos, ao todo, aproximadamente 250 minutos de entrevista, conforme listado abaixo em ordem cronológica. Essas entrevistas foram gravadas com os equipamentos do *videomaker* e também com uma câmera pessoal.

**Cláudia Salles — 14 de setembro, 12h30:** Cláudia é psicóloga de formação e cresceu vendo sua mãe fazer vestidos com Galdino Lenzi. Filha de Vanda e Waldemar Salles, sua mãe era cliente assídua do costureiro. A maior parte do guarda-roupa de sua mãe foi feita por ele, que a tinha como uma de suas clientes favoritas. Segundo Carolina, sobrinha-neta de Galdino, Dona Vanda era a cliente para quem o tio fez mais roupas. Ainda que Cláudia não tenha uma ligação forte com a moda, frequentou muitas vezes o ateliê de Lenzi na Avenida Rio Branco e relembrou que ele recebia clientes de várias partes do Brasil, além de ter ganhado o Prêmio Agulha de Ouro na primeira edição do evento “Agulhas da Alta Moda Brasileira” em São Paulo. Esse era o prêmio máximo do encontro, e a mãe de Cláudia foi até a capital paulista prestigiá-lo.

Essa foi a entrevista mais difícil, acredito que por ter sido a primeira. Ainda que eu soubesse o que queria extrair daquele encontro, me encontrava um pouco presa ao roteiro que havia na minha cabeça. Fomos muito bem recepcionados, com comidas e *drinks*, mas, apesar da vontade, mantive o lado profissional também por saber que precisava ser muito assertiva, já que tinha um curto espaço de tempo para realizar a entrevista. Com certeza, a maneira como fomos recebidos ajudou a me tranquilizar, além do fato de Cláudia ser psicóloga e saber exatamente o que falar na hora.

A entrevista correu bem, mas as respostas eram muito longas e, às vezes, ela divagava um pouco. Essa situação teve seus lados positivo e negativo, pois nem sempre obtive exatamente a resposta esperada – algo mais preciso e certo – mas, por outro lado, consegui respostas autênticas que agregaram novas informações ao documentário.

De forma geral, o saldo foi positivo, pois, a partir dessa entrevista, entendi como formular melhor as perguntas para atingir meus objetivos e, ao mesmo tempo, criei novas questões a serem exploradas. Antes dela, o nome Zury Machado não fazia parte da minha narrativa. Graças a um comentário de Cláudia sobre o cronista social, passei a buscar mais sobre ele e percebi que não havia como contar a história do Lenzi e, principalmente, de Florianópolis sem mencioná-lo. Assim, passei a incluir o nome do jornalista no meu roteiro de perguntas.

Terminei a entrevista mostrando o vestido vermelho que eu havia separado, e falamos sobre ele e sobre um blazer que Cláudia havia guardado. Ao final, ela insistiu para que eu vestisse a peça que foi de sua mãe e costurada por Lenzi. Esse momento foi incrível – primeiro, pela admiração que criei pela trajetória e história de Galdino Lenzi, mas também porque, depois de muito mexer, tocar e ver as peças com o devido distanciamento de um museu (ou seja, com luvas e o maior cuidado possível), eu estava ali vestindo uma peça histórica, repleta de significados e memórias.

**Ana Luiza Pederneiras — 14 de setembro, 14h:** Ana Luiza é aposentada, mas trabalhou como servidora no Departamento de Moda da Udesc. Formada em Educação Física, especializou-se em gerontologia e moda. Hoje mora em Balneário Camboriú (SC) e aceitou vir até Florianópolis para a gravação. Por não ter casa aqui, nos convidou para gravarmos no apartamento de seu sogro.

Saindo da primeira entrevista, pegamos um *Uber* até o apartamento, que também fica localizado na Beira-Mar, para gravar com Ana. A correria foi grande para chegarmos a tempo. O processo de montagem e desmontagem da câmera, iluminação, microfone e outros equipamentos levava mais tempo do que a entrevista em si. Apesar de a casa dela ser próxima da de Cláudia, atrasamos quase meia hora, chegando perto das 14h30, o que, no entanto, não interferiu na recepção que tivemos.

Enquanto o *videomaker* montava novamente os equipamentos, Ana me mostrou vários recortes de jornais e fotografias antigas que tinha guardado. Isso me ajudou a direcionar melhor as perguntas. Como já mencionado, eu não tinha um roteiro fixo, mas sabia o que precisava extrair de cada entrevistado e usei essa conversa prévia para ser mais assertiva. Falamos sobre sua mãe, sua irmã e todas as suas vivências como debutante e, posteriormente, como noiva. Ao mostrar o vestido verde que eu havia separado, ela me contou que foi criado

para uma aparição de sua mãe no primeiro filme gravado na ilha, *O Preço da Ilusão* – algo que, obviamente, se tornou um tema extra da entrevista.

Ainda que tenhamos falado sobre Lenzi – razão principal da entrevista –, essa conversa trouxe mais *insights* relacionados às vivências na segunda metade do século XX do que propriamente sobre o costureiro. Como ela trabalha com moda, comportamento e envelhecimento, a entrevista foi extremamente rica para entender a passagem dos anos e décadas guiada pela moda e pela forma como ela era consumida. Ana forneceu um panorama muito detalhado, diferenciando a época da juventude de sua mãe, nos anos 1950, da sua própria, em 1980.

Finalizei essa entrevista com um sentimento muito positivo: ela seria um guia essencial na construção do roteiro por conseguir abranger toda a segunda metade do século XX em seus relatos. Para enriquecer ainda mais a produção, ela me cedeu todas as fotos e jornais que havia separado, com a promessa de que eu os devolveria no dia em que o documentário estivesse finalizado. Mesmo sem saber exatamente como esses materiais iriam me ajudar, fiquei extremamente grata e animada com tudo que ainda estava por vir. Afinal, essa era apenas a segunda entrevista.

**Carolina Grieco — 14 de setembro, 16h30:** Carolina é designer de joias e trabalha junto com sua mãe, Ruth Lenzi de Miranda Grieco, que é sobrinha de Galdino Lenzi. A marca de joias leva o nome de sua mãe, Ruth Grieco, e é mundialmente conhecida, estampando revistas como *Dreams*, *Financial Times*, *Vogue* e *Harper's Bazaar*.

Essa era a terceira entrevista do dia, e já estávamos bem cansados e com fome. Apesar de termos comido alguns quitutes nas entrevistas anteriores, não havíamos almoçado. Mesmo assim, eu sabia que aquela era minha chance de conhecer de perto o Lenzi, de ter a visão de um familiar, pois provavelmente não conseguiria entrevistar a filha dele no final de semana seguinte.

Assim como nas entrevistas anteriores, enquanto o *videomaker* montava os equipamentos, fiquei conversando com a Carolina. Esse é sempre o melhor momento para entender como conduzir a entrevista e definir as perguntas mais relevantes. A Carolina me mostrou várias peças feitas pelo tio-avô, desde seu vestido de casamento até peças mais casuais. Como eu já havia levado uma apresentação com peças feitas pelo Lenzi para diversas famílias e tinha ali várias peças usadas por ela, acabei deixando o roteiro de lado e mudei o rumo da entrevista.

Decidi dividir essa entrevista em duas partes: primeiro, quis saber, de forma geral, sobre a vivência da Carolina na ilha. Como ela morou a maior parte da infância e juventude em São Paulo, suas memórias de Florianópolis eram de férias passadas na casa dos tios. Assim, contou sobre o desenvolvimento da cidade, mas nem tanto sobre os bailes e comportamentos de consumo. Falamos sobre suas lembranças da casa-ateliê de Lenzi e das visitas recorrentes do tio a São Paulo em busca de tecidos, aviamentos e informações sobre moda e tendências para trazer à Ilha da Magia. Mesmo morando longe, Carolina contou que ele foi extremamente presente em sua vida.

No segundo momento, falamos sobre as peças, tanto daquelas que levei na apresentação quanto das que ela havia separado. Nesta apresentação (Apêndice C), havia peças de sua mãe, de Rute Lenzi, esposa do costureiro, e de clientes. Mostrei peças feitas para as famílias Daux, Salles, Cherem e Kenji Iriê, e ela contou sobre a relação do tio com cada uma dessas famílias. Depois, ao olhar suas próprias peças, várias histórias e lembranças surgiram. Falamos sobre seu casamento e o processo de construção do vestido, sobre peças que ela havia usado mais de uma vez, em períodos muito diferentes, e sobre as customizações feitas com a ajuda da mãe e do tio para que as peças continuassem funcionando nos anos 2010. Ela também mencionou uma peça criada pelo tio inspirada em uma das joias premiadas feitas por sua mãe. Falar dessas peças possibilitou que eu entendesse melhor o estilo de Lenzi, suas marcas registradas, seu processo de criação e sua relação com os clientes, o que me deu insumos para formular perguntas mais específicas para Luciane Daux no final de semana seguinte.

Assim como nas outras duas entrevistas, tive uma grata surpresa ao final. Carolina me emprestou o livro *Em Sociedade Tudo Se Sabe*, escrito por Luiz Henrique Tancredo sobre o cronista Zury Machado, também com a promessa de que eu o devolveria quando o documentário estivesse finalizado, já que o livro não pode mais ser encontrado em livrarias, apenas em sebos.

Apesar do cansaço, já que essa entrevista durou quase até as 19h, voltei para casa com a sensação de dever cumprido e de que estava mais preparada para as entrevistas seguintes, no próximo final de semana. A recepção calorosa dela e de todas as outras entrevistadas me fez sentir que eu estava no caminho certo, de que, de certa forma, fazia parte daquelas histórias.

**Beirão — 21 de setembro, 10h:** José Alfredo Beirão Filho, ou simplesmente Beirão, como todos o chamam, é aposentado, mas formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC

(1984) e se especializou em *Costumes de Scène* pela Escola Superior em Técnicas da Moda, em Paris (1999). Sempre gostou da área de moda e figurino e, ainda que tenha feito mestrado em Engenharia de Produção pela UFSC (2004) e doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento, também na UFSC, suas teses defendidas deram origem à Modateca. No mestrado, escreveu o livro *Remodelando Corpos: As costureiras e suas reminiscências na Florianópolis de 1950* e, no doutorado, criou o site da Modateca, com a tese intitulada *Criação e Compartilhamento do Conhecimento da Área de Moda em um Sistema Virtual Integrado de Informações*. Nessa época, ele já lecionava como professor do Departamento de Moda da Udesc e havia criado o museu como um projeto de extensão.

Depois de ler seu livro e com todo esse cenário em mente, eu sabia que o Beirão tinha um grande conhecimento, principalmente quando falávamos da década de 1950 e de Dona Olga. Então, como eu só iria entrevistar familiares da costureira, decidi extrair ao máximo tudo o que ele havia estudado e pesquisado sobre ela.

Confesso que, mesmo sendo o segundo dia de entrevistas, cheguei mais apreensiva, pois, nas nossas trocas anteriores, ele havia sido mais direto, sem grandes detalhes em suas falas. Toda essa impressão mudou no minuto em que pisei em seu ateliê. Fui muito bem recepcionada e senti um interesse genuíno no projeto. Conversamos por muito tempo sobre suas experiências e sobre como ele chegou à área de moda mesmo tendo uma graduação e pós-graduações em áreas sem uma relação direta. Então, quando apertamos o *rec*, foi como se apenas continuássemos conversando.

De todas as entrevistas, talvez essa tenha sido a mais fácil. Senti-me realmente em uma sala de aula, como se estivesse com um professor me dando uma aula para que eu conseguisse roteirizar este documentário. Da mesma forma que seu livro me ajudou a estruturar as entrevistas, sua fala me auxiliou na construção de uma linha narrativa clara para a escrita do roteiro.

**Luciane Daux — 21 de setembro, 11h30:** Luciane tem formação como administradora de empresas e uma especialização em *marketing*, mas sua verdadeira paixão sempre foi a gastronomia. Optou por seguir carreira na área e construiu uma trajetória expressiva, incluindo sua atuação como apresentadora de programas de culinária em canais de televisão de Santa Catarina.

De todas as entrevistas, essa era a que eu mais aguardava realizar. Afinal, a Luciane me possibilitou conhecer várias pessoas e facilitou meu trabalho ao fazer o contato com

possíveis participantes do documentário. Em nossa conversa na pré-entrevista, ela me contou diversas histórias e se mostrou muito empolgada. Tinha uma cirurgia agendada para setembro, mas queria participar de qualquer forma, em retribuição ao Lenzi, grande amigo de sua mãe e da família. Tudo isso me animou ainda mais e, com certeza, aumentou minha expectativa.

Quando fomos agendar o dia, ela sugeriu que fizéssemos a gravação em outro local, pois tinha “três cachorros em casa que com certeza não parariam de latir”. Conversei com o Beirão, e ele disse que não haveria problemas em realizarmos no seu ateliê, logo após a entrevista dele. Os dois são muito amigos, o que gerou um reencontro muito bacana.

Em uma pequena mala de viagem, a Luciane trouxe álbuns de fotos e algumas peças que havia guardado, feitas pelo Lenzi. Aproveitamos alguns manequins do ateliê e utilizamos um dos vestidos como parte do cenário. Quando fomos microfoná-la, a Luciane me contou que já havia apresentado alguns programas, o que me pareceu uma vantagem à primeira vista.

Porém, quando apertamos o *rec* para começar a gravação e fiz a primeira pergunta, percebi que sua experiência como apresentadora tornava as respostas menos naturais. Eu fazia a pergunta, ela pausava por alguns segundos e só depois de tudo formulado respondia. Por um lado, tive respostas mais certeiras e fáceis de cortar e encaixar no roteiro. Por outro, as falas que poderiam ser mais emocionantes não transmitiam tanta espontaneidade.

Essa situação, ali na hora, me deixou um pouco angustiada. Eu precisava, de alguma forma, tocá-la e garantir uma resposta instantânea, que não fosse excessivamente planejada antes de ser dita. Então, no meio da entrevista, deixei meu papel com os tópicos-guia de lado e comecei a conversar com ela de maneira mais livre. Afinal, se minhas perguntas estavam bem formuladas e preparadas com precisão, suas respostas refletiriam isso.

No momento em que decidi fazer isso, consegui arrancar a primeira resposta dita sem filtros: “O Lenzi só olhava para mim e... era perfeito!”, disse ela, emocionada com a lembrança. É óbvio que, depois de uma fala mais espontânea, ela pausou e reformulou sua resposta de maneira mais completa. Mas foi aquela primeira fala que realmente entrou no documentário.

Com certeza, a entrevista da Luciane me mostrou que, mais do que um roteiro de perguntas, um bom jornalista precisa estar inteiramente presente no momento, ouvir seu entrevistado e entender a melhor forma de se comunicar com ele. Eu tinha o roteiro na cabeça e sabia o que precisava perguntar, mas, ao me desprender dele, consegui me conectar verdadeiramente com a entrevistada.

Acho que, de todas as entrevistas que fiz, essa foi a que teve mais altos e baixos. Comecei com uma expectativa alta, que foi confrontada com respostas excessivamente editadas, mas, no fim, essa experiência me fez crescer muito como jornalista.

**Nelza e Olga Mafra Huedepohl — 21 de setembro, 13h30:** Mãe e filha, ou filha e neta. Dona Nelza é aposentada e decidiu lecionar em vez de seguir os passos da mãe. Olga, a neta da grande costureira dos anos 1950, formou-se em odontologia. Hoje, vivem no mesmo prédio, separadas apenas por um elevador de distância.

Decidi colocar as duas no mesmo relato, pois, na realidade, no dia 21 de setembro, eu entrevistaria apenas a Olga. Quando cheguei em seu apartamento, ela já havia separado algumas roupas feitas pela avó, mas estava um tanto apreensiva para a entrevista. Isso porque, quando fiz contato durante a pré-entrevista, quem primeiro me respondeu foi sua mãe, dona Nelza.

Foi em uma chamada no *Google Meet* que conversei com ela. Logo de início, demonstrou surpresa, pois nunca havia feito uma chamada de vídeo pela plataforma. Quando me viu, explicou que não tinha se arrumado para tal e preferiu manter a câmera fechada, ainda que eu dissesse que não estava gravando e que aquele momento era apenas para nos conhecermos. Contei sobre o projeto, expliquei que seria um documentário e perguntei se ela teria interesse em participar. Muito feliz em saber que a história da mãe seria contada, prontamente aceitou o convite.

Pouco mais de uma semana se passou e recebi uma ligação dela. Aflita, disse que não havia entendido direito e que não gostava de câmeras, por isso precisaria declinar o convite, mas que me receberia de braços abertos em sua casa para uma conversa sobre a mãe. Agradei o convite e disse que não precisava se desculpar, que eu entendia. Mas, no fundo, eu não estava completamente satisfeita. Nossa conversa anterior tinha sido tão incrível, e eu sabia que sua presença no documentário seria essencial.

Deixei esse assunto de lado por um momento, pois, naquele dia 7 de setembro, eu estava me arrumando para o meu baile de formatura. Decidi realizá-lo antes do fim da graduação, para comemorar com amigas que já haviam se formado naquele semestre.

Passada a festa, voltei a entrar em contato, mas agora com a filha. Olga demorava um pouco para me responder, e eu acabei não conseguindo marcar uma conversa com ela. Com um pouco de insistência, aceitou participar, ainda que acreditasse que sua mãe era a pessoa

mais indicada para falar sobre o tema. Já pensando em tentar convencer dona Nelza, sugeri a Olga que a convidasse para assistir à entrevista no dia.

E assim fizemos. Começamos a montar os equipamentos, e Olga mencionou que sua mãe logo estaria ali, pois ficara muito animada em me conhecer. Quando ela cruzou a porta, percebi que estava toda arrumada: maquiagem, cabelo, roupa — tudo muito bem pensado para alguém que, em teoria, apenas assistiria à entrevista.

Comecei a conversar com as duas e, mais uma vez, pedi a dona Nelza que participasse da gravação, mas ela continuava irredutível. Então, combinamos que Olga falaria primeiro e que, se se sentisse à vontade, a mãe entraria em seguida.

Um pouco nervosa por estar sob o olhar da mãe, Olga queria dar as melhores respostas, sem errar nenhuma informação, mas essa preocupação acabou prejudicando sua espontaneidade. Na primeira dúvida, decidi perguntar à mãe, que, por sua vez, começou a contar a história da família do zero.

Vendo isso, Olga se levantou, já tirando o microfone, e o entregou à mãe, que estava sentada atrás de mim. Ali começou uma discussão típica de mãe e filha. Por alguns segundos, eu, que estava literalmente entre as duas, achei que perderia minha entrevista e que nenhuma mais falaria. Eu e Bruno, o *videomaker*, começamos a conversar com elas, mas principalmente com dona Nelza, que, por fim, acabou aceitando participar — ainda que tenha dito: “Não me coloquem muito no documentário, é só para vocês terem a história completa.”

Foi só começar a gravação que dona Nelza se soltou. Pedi para que esquecesse a câmera e olhasse apenas para mim, como se estivéssemos conversando. Afinal, bastava contar a mesma história que vinha narrando antes de ser microfonada.

E assim foi a entrevista. Com seus mais de 80 anos, dona Nelza é extremamente lúcida e conta as histórias como se tivessem acontecido no dia anterior. Com uma riqueza de detalhes impressionante e uma retórica invejável, relembrou sua infância e nos emocionou com os relatos sobre a família.

Sem ficar para trás, seguimos com a entrevista de Olga. Agora, sem o peso de narrar as histórias que ouvira da mãe, ela pôde focar em suas próprias lembranças e vivências. Consegui uma conversa leve e envolvente, na qual ela relembrou sua infância ao lado da avó, os momentos em que as três idealizavam as roupas juntas e sua juventude como debutante — e, mais tarde, como rainha do Clube Doze.

Para fechar essa entrevista que já havia sido incrível, depois de certa insistência da mãe, Olga decidiu vestir um de seus antigos trajes e lembrar o tempo em que desfilava com as peças costuradas pela avó no salão do Doze.

Encerramos o dia e a série de entrevistas folheando álbuns de fotos, jornais e peças que Olga ainda guarda em seu armário. Essas entrevistas, sem dúvida, marcaram o fim perfeito desse ciclo do trabalho. Ver as duas juntas, conversando, lembrando e falando da avó, me fez sentir em casa, como se fossem eu, minha mãe e minha avó. Terminei com aquele quentinho no coração, muito grata a todos que dividiram suas histórias comigo.

#### **4.4 Sessão de fotos**

Nos meus últimos dias de férias do trabalho, consegui agendar uma sessão de fotos para registrar alguns modelos que eu havia selecionado e que gostaria de inserir no documentário. Nos dias 17 e 19 de setembro, com a ajuda das bolsistas da Modateca, Juliana Tavares e Rebeca Borre, selecionamos as peças para levar até o estúdio do Departamento de Design da Udesc.

Como mencionado anteriormente, há uma limitação para a retirada das peças do acervo: o máximo permitido era três por vez. Conversei com a coordenadora do projeto, Daniela Novelli, e ela me pediu para preencher um termo de empréstimo e retirada (Anexo C), listando as 26 peças e os dois manequins necessários para as fotos. O acordo foi que eu retiraria cinco peças por vez, para que o processo não fosse tão demorado, e que a sessão seria dividida em dois dias.

A escolha do local para as fotos levou em consideração a logística do deslocamento das peças, mas também o fato de não haver um estúdio de fotografia disponível na UFSC. Assim, Juliana Tavares sugeriu realizarmos a sessão no laboratório do Ceart, onde as peças costumam ser fotografadas para disciplinas do curso de Moda.

Após entrar em contato com o Prof. Dr. Cláudio Brandão, coordenador do Laboratório de Fotografia do Design-Udesc, ele me orientou a falar com a bolsista do laboratório, Laís Marian, que se disponibilizou a ajudar e a estar presente na sessão. Combinamos um dia e horário que funcionasse para nós três, e assim a sessão foi agendada.

Como acordado com a coordenadora da Modateca, levamos cinco peças por vez. Juliana ficou encarregada de passá-las e ajustá-las no manequim, enquanto eu fotografava e gravava alguns vídeos. Para criar um efeito visual mais interessante, optei por fotografar lado

a lado peças que eram do mesmo costureiro ou até da mesma pessoa. Ao todo, foram dois dias de sessão e 550 fotos/vídeos capturados.

#### 4.5 Decupagem e roteirização

Depois de uma semana de descanso, voltei ao projeto e comecei a fazer a decupagem. Utilizei o *Pinpoint*, uma ferramenta do *Google* para transcrição de áudios, e lá mesmo grifei os trechos que considerava interessantes e que poderiam ser usados no documentário. Repeti esse processo duas vezes para garantir que não havia deixado nada importante para trás.

Com esses trechos em mãos, criei oito categorias: consumo de moda, costureiros, família, festas, Florianópolis, hábitos, Modateca e Zury Machado. Separei os trechos grifados em diferentes arquivos do *Google Docs*, organizando-os conforme as categorias. Além disso, todos os documentos continham os nomes dos entrevistados, permitindo que eu soubesse exatamente quem havia dito cada fala.

Com todos os trechos organizados, fiz uma nova seleção. Sabia que nem tudo entraria no documentário, então, dentro de cada categoria, marquei em amarelo os trechos que considerava essenciais. Essa etapa foi fundamental para a próxima fase: a escrita do roteiro.

ANA LUIZA PEDERNEIRAS  
 2'40" até 3'24" A cidade vivia em volta dos clubes. Lá eles ofereciam, além dos momentos festivos, eles também ofereciam os cursos, academia, aulas de línguas, era tudo no clube, porque não tinham opções fora, nos bairros, em outras lugares. E todo mundo se encontrava no clube, né? E tinha a boate do Clube Doze que era nos sábados e terminava meia-noite. E os grandes bailes, que eram marcantes, toda a sociedade ia.

3'30" até 4'06" Havia também uma preparação para esses eventos antes, né? E aí todo mundo se preparava. Eu conheci o meu marido, porque era vizinho na praia, mas ele morava em Curitiba e comecei a namorar num baile do clube, que a gente começou a namorar, apesar de sermos vizinhos. Então nesses bailes eram tradicionais e sempre acontecia algo na sociedade que marcava a vida, nossa, que eram os jovens, né? E era muito bacana.

4'12" até 4'25" A festa de debutante era tradicional no Clube Doze, no Lira e no Clube Seis de Janeiro que é outro clube que fica do outro lado da Ilha, no continente.

4'33" até 5'12" Tinha que fazer 15 anos para participar e eram vários eventos que aconteciam no decorrer até a data do aniversário do clube, que era a data do baile de

Figura 1: *Print* do arquivo intitulado *Hábitos* mostrando a organização do processo de decupagem.

Por experiências anteriores e também por uma característica pessoal muito ligada ao visual, decidi criar um vídeo-esqueleto. Abri o *Adobe Premiere*, subi os vídeos das entrevistas e cortei os trechos que havia destacado em amarelo. Sabia que precisava iniciar com a história da Modateca e que, depois, seguiria uma ordem cronológica, abordando primeiro as histórias ligadas a Olga Mafra e, posteriormente, as de Galdino Lenzi.

Com isso em mente, comecei a construir as conexões entre os trechos. Abri o arquivo Modateca e montei essa primeira parte, mas logo me deparei com um impasse: não conseguia encontrar uma ligação lógica com o restante do documentário.

Ao mesmo tempo, não queria descartar o que foi contado sobre o projeto, pois queria que ele fosse parte importante da narrativa. Diante desse bloqueio, deixei essa questão de lado por um momento e considerei a possibilidade de inserir uma vinheta entre essa introdução e o restante do documentário. No momento, essa parecia a melhor solução.

A partir daí, comecei a conectar os trechos com base nas subcategorias. Sempre que uma fala era incorporada ao documentário, eu a destacava em rosa, para indicar que já havia sido utilizada. Esse processo me permitiu construir blocos independentes de narrativa, mas, ainda assim, não conseguia interligá-los de maneira fluida.

**BEIRÃO**  
 28'18" até 29'04" Um ponto importante que a gente tem no se vestir dessas mulheres, é que, por exemplo, elas moravam no centro de Florianópolis tudo resumia, basicamente, ao centro, né? Então elas moravam na chácara de Espanha, na Esteves Júnior ou em alguma outra região afastada do centro comercial, né? Mas toda vez que elas vinham a esse centro comercial ou tomar um chá ou fazer uma compra, alguma coisa, elas se produziam para tal, né? Completamente diferente de hoje, que se você vai, coloca uma calça jeans, uma camiseta, qualquer coisa. Nos anos 50, 60, não. Tinha toda essa cerimônia de ir ao centro e se arrumar para ir ao centro.

29'09" até 29'32" A missa de domingo é onde as mulheres, as famílias se mostravam, né? Vestiam as melhores roupas, os melhores calçados para esta atividade e depois tinha o passeio tradicional na Praça Quinze, né? Onde todos se encontravam, todos se viam e provavelmente todos se elogiavam, porque estavam super bem vestidos.

**CAROLINA GRIECO LENZI**  
 0'46" até 1' Ele ia muito pra São Paulo onde eu morei até 96 e ficava na nossa casa e ia pra semana de moda, essas coisas, que eram diferentes na época, mas que existiam já. Comprar tecidos, às vezes, para alguma ocasião, para clientes...

Figura 2: *Print* do arquivo intitulado *Hábitos* mostrando a organização do processo de decupagem.

Depois de uma certa ansiedade e descrença quanto à minha capacidade de finalizar o processo, decidi olhar a pasta com jornais e fotos que a Ana Luiza havia me emprestado. Bingo! Aqueles jornais eram a resposta. Comecei a ler os recortes e decidi inseri-los como ligação entre os trechos. Essa solução funcionou na maior parte do documentário, especialmente nos trechos finais, mas ainda faltava uma conexão no início.

Após uma orientação com a Flávia, em que assistimos juntas o que já havia sido produzido, ela levantou alguns pontos. Primeiro, observou que a vinheta separando a parte inicial sobre a Modateca do restante do documentário não era suficiente. Para ela, parecia que havia dois documentários distintos. Embora soubesse qual era a conexão entre as partes, percebeu que, para um espectador que não acompanhou o meu processo, essa ligação não

ficava clara. O segundo ponto levantado foi justamente minha dificuldade em conectar alguns trechos.

Como solução para ambos os problemas, Flávia sugeriu que eu me inserisse no documentário, tanto com narrações em *off* quanto com passagens gravadas no centro. Em um primeiro momento, não gostei da ideia e tentei pensar em outras alternativas, mas logo percebi que essa era a solução mais lógica. Escrevi meus *offs* e passagens, enviei para a Flávia e, juntas, decidimos que essa seria a melhor abordagem.

Com os detalhes definidos e um roteiro praticamente finalizado, fiz os últimos ajustes no vídeo-esqueleto antes de enviá-lo ao editor. Além disso, criei um roteiro detalhado no *Excel*, especificando ao máximo os elementos necessários: trilha sonora, imagens de cobertura, arquivo de vídeo, minutagem, trecho, *lettering/naming* e frases ou palavras de destaque para o *lettering*.



Figura 3: *Print* do vídeo-esqueleto utilizado como guia para o processo de edição da versão final do documentário.

#### 4.5 Pesquisa em acervos iconográficos

Este talvez tenha sido o processo que eu imaginei ser mais rápido, mas que me surpreendeu pela dificuldade em encontrar certos documentos e imagens. Além das imagens das peças da Modateca e das fotografias feitas durante as entrevistas a partir dos arquivos pessoais dos entrevistados, também pesquisei no Arquivo Público de Santa Catarina e na Biblioteca Nacional Digital.

Por indicação da Flávia, fui até a Casa da Memória de Florianópolis no dia 1º de novembro para buscar imagens que eu não havia encontrado *online*. Com uma lista de

palavras-chave separadas previamente, analisamos juntas o acervo iconográfico do museu. Consegui muitas das imagens que precisava, mas ainda faltavam várias outras.

Continuei minha busca *online* por mais uma semana, mas sabia que o editor precisava de todo o material em mãos para iniciar a edição. Estabeleci o dia 8, sexta-feira, como prazo final para enviar as últimas imagens. Passei a semana pesquisando até que, na quarta-feira, decidi ir até a Biblioteca Universitária da UFSC. Inicialmente, a recepcionista informou que eu não encontraria um acervo ali, mas eu sabia da existência de um. Saí perguntando e, após algumas tentativas, encontrei o Setor de Coleções Especiais. Os funcionários me relataram que quase ninguém conhecia esse setor, nem mesmo outros funcionários da biblioteca, e ficaram muito felizes com minha pesquisa. Mais uma vez, me vi diante de pessoas que gostaram do projeto e estavam dispostas a ajudar. Apesar de não ter encontrado muitas imagens inéditas, consegui fazer algumas gravações que posteriormente inseri na versão final do documentário.

Após uma última busca no Arquivo Público de Santa Catarina e na Biblioteca Nacional Digital, considerei minha pesquisa encerrada, pois faltava apenas um mês para a defesa da banca, marcada inicialmente para o dia 13 de dezembro.

#### **4.6 Gravações externas**

Ainda na primeira semana de novembro, enquanto finalizava as pesquisas nos acervos, eu precisava realizar as últimas gravações, que incluíam passagens no centro, imagens da Modateca para usar como cobertura e a gravação dos *offs*.

No dia 6 de novembro, quarta-feira, antes de ir até a BU, fui ao laboratório de rádio no Departamento de Jornalismo da UFSC para gravar. Os trechos que continham explicações e contextualização histórica foram gravados por mim. Já os trechos em que seriam lidos trechos de jornais, achei que faria mais sentido utilizar uma voz masculina, já que os autores eram homens. Assim, para os textos de Zury Machado, convidei o professor Áureo Mafra de Moraes, e para os demais trechos, o professor Carlos Augusto Locatelli. Em menos de duas horas, gravamos todos os *offs* que seriam inseridos no documentário.

Já para as passagens, como precisava do auxílio do *videomaker*, agendamos a gravação para sábado, dia 9. Nos encontramos no Colégio Bom Jesus e seguimos até o Colégio Catarinense, parando em cada um dos locais mencionados nas passagens. Iniciamos às 8h30 e finalizamos as gravações às 11h30.

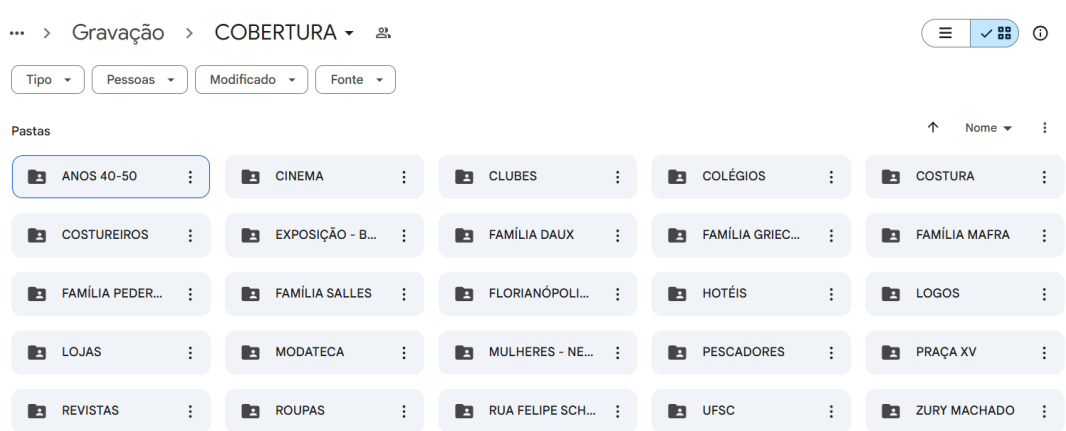
As últimas imagens foram captadas na Modateca, no dia 11 de novembro, segunda-feira. Fui até a Udesc após o trabalho e, em cerca de uma hora, fiz fotos e vídeos do local, incluindo registros específicos de revistas, caixas onde as peças são armazenadas e moldes antigos.

#### 4.7 Edição

O processo de edição começou na segunda semana de novembro, e logo percebi que a correria para finalizar dentro do prazo seria intensa. Como essa etapa não estava diretamente sob meu controle, foi a que mais me gerou angústia. A edição ficou a cargo de um amigo do trabalho que se ofereceu para me ajudar. Como ele não havia sido formalmente contratado, o comprometimento com a entrega acabou ficando em segundo plano, afinal, seus compromissos profissionais sempre tinham prioridade sobre o documentário.

Até o fim de semana do dia 16, ele já havia cortado todo o documentário e organizado as entrevistas, passagens e *offs* em sequência. No entanto, a parte mais demorada era a inserção das imagens de cobertura. Por se tratarem de imagens antigas, a qualidade não era alta, o que dificultou o processo para que ficassem nítidas ao serem ampliadas. Nesse momento, comecei a me preocupar seriamente com a possibilidade de o documentário não ficar pronto a tempo.

Embora o roteiro estivesse bem detalhado, com *links* direcionando para as imagens que deveriam ser inseridas em cada trecho, isso não foi suficiente. Para facilitar a busca e eventuais substituições, deixei todas as imagens organizadas em pastas no *Google Drive*, separadas por categoria. Ainda assim, Bruno, o *videomaker* e editor do documentário, só tinha os finais de semana disponíveis para trabalhar no projeto.



Figuras 4: *Print* da tela do *Google Drive* retratando a organização feita das imagens utilizadas como cobertura do documentário.

Graças à Melina, professora da disciplina e membro da banca do TCC, e ao Departamento de Jornalismo consegui a extensão do prazo para solicitar Menção I. Na segunda-feira, dia 25 de novembro, às 8h da manhã, eu teria que tomar uma decisão final. Os dias 23 e 24, sem dúvida, foram os mais estressantes de todo o projeto. Eu dependia de outra pessoa e não sabia se conseguiria entregar a tempo.

Na noite de domingo, conversei com Bruno, e ele se comprometeu a passar a madrugada editando para me entregar uma primeira versão na manhã seguinte. Se ele conseguisse, eu defenderia meu TCC ainda em dezembro. Mal consegui dormir naquela noite. Às 4h30 da manhã, acordei e vi uma mensagem dele, enviada às 00h30: “Minha *internet* parou. Não consigo baixar as imagens e não vai dar para continuar editando.”

Naquele momento, entrei em desespero. Eu ainda acreditava que tudo daria certo, mas percebi que não seria possível concluir no prazo. Lutando contra a realidade, respondi à mensagem perguntando se ele conseguiria finalizar tudo até quarta-feira, exportar o material e, assim, eu e Flávia poderíamos assistir na quinta. Dessa forma, ele ainda teria o final de semana para ajustes, já que o envio para a banca seria apenas na semana seguinte, em 6 de dezembro.

Quando acordei às 6h30, vi a resposta dele: "Sim, mas será muito apertado e arriscado. Se você quiser, eu faço de tudo." Mande uma mensagem para Flávia, que já estava ciente da situação, e em seguida fiz uma chamada de vídeo com a minha mãe, que atendeu assustada. Acho que nunca liguei tão cedo para ela.

Depois de mais de meia hora no telefone, ela me convenceu de que não era um demérito solicitar Menção I, e eu comecei a aceitar a ideia. Por conta do meu trabalho, não poderia mais adiar minha formatura, e não recorrer à Menção I significaria colocar em risco a conclusão da graduação no semestre 2024.2. Pensando no que era mais prudente — postergar a defesa e ainda assim me formar em março — aceitei, embora ainda relutante.

Enviei outra mensagem para minha orientadora, dizendo que ela podia esquecer todas as minhas dúvidas, pois eu já havia tomado uma decisão. Solicitei oficialmente a Menção I por *e-mail* à Melina e avisei o Bruno, que ficou aliviado com a notícia. No mesmo dia, definimos novos prazos mais realistas para a finalização da edição antes da nova data da banca.

A primeira versão foi exportada no dia 13 de dezembro. Combinamos que eu e Flávia assistiríamos ao vídeo, faríamos anotações e retomariamos a edição a partir do dia 10 de

janeiro. Após um longo período de descanso, enviei as anotações e o Bruno teve uma semana para realizar os ajustes.

No total, foram exportadas três versões em qualidade baixa para agilizar o processo. Cada vez que reassistia ao documentário, identificava novos ajustes, e o documento com as anotações foi sendo atualizado conforme as versões. Para organizar melhor, criei uma *checklist*, permitindo que Bruno fosse marcando os itens conforme realizava as alterações.

Devido ao tamanho do projeto e à quantidade de inserções de imagens e *lettering*, muitos detalhes acabavam passando despercebidos, tornando o processo mais demorado. Na terceira versão, combinamos que Bruno me enviaria cada alteração por foto ou vídeo via *WhatsApp* para que eu aprovasse em tempo real. Isso evitou o desperdício de tempo com exportações desnecessárias.

Com tudo aprovado, Bruno exportou a versão final em alta qualidade e um novo problema surgiu. Sempre que eu assistia ao vídeo, algum trecho travava. Como o documentário era muito grande, não sabíamos se o erro estava na exportação do *Adobe Premiere*, no *upload* para o *Google Drive* ou no envio para o *YouTube*.

Após três tentativas frustradas, descobrimos que o problema ocorria ao subir o vídeo para o canal. Desliguei a *internet* de todos os dispositivos da casa e deixei apenas o computador conectado. Depois de meia hora, finalmente consegui fazer o *upload*.

Abri o vídeo na TV e comecei a assistir, torcendo para que fosse a última vez antes do envio para a banca. Conforme os minutos passavam, a apreensão aumentava. O medo de encontrar um erro no final era enorme. Quando chegou nos quarenta minutos, eu já estava curvada para frente no sofá, praticamente orando para dar certo. Felizmente, a tentativa foi bem-sucedida. Ali, finalizamos o processo de edição.

#### 4 RECURSOS E ORÇAMENTOS

Tabela 1 - Custos de produção

<b>Material/assinaturas</b>	<b>Modelo</b>	<b>Valor unitário</b>	<b>Valor total</b>
1 notebook	Notebook Dell Inspiron 15 com processador Intel Core i5 de 12ª Geração, 8GB RAM, 512GB SSD, Tela Full HD 15,6" e Windows 11	R\$ 4.101,90	R\$ 4.101,90
1 mouse	Mouse com fio Logitech M90	R\$ 44,00	R\$ 44,00
1 celular	Apple iPhone 13 - 256 GB - Rosa	R\$ 5.199,00	R\$ 5.199,00
1 câmera	Canon PowerShot G7 X Mark III	R\$ 9.849,00	R\$ 9.899,00
1 tripé	Greika Tripé Amador NT-530	R\$ 139,00	R\$ 139,00
Aluguel de estúdio fotográfico*		R\$ 66,66/hora* X 8 horas	R\$ 533,28
Assinatura do Pacote Adobe	Pacote Adobe Creative Cloud - todos os programas - Estudante	R\$ 95,00/mês - por 5 meses	R\$ 475,00
Assinatura de armazenamento na nuvem - Google	Armazenamento de 100GB no Google Play	R\$ 79,90/anual	R\$ 79,90
Deslocamento em entrevistas e gravações externas	Viagens de ônibus e de aplicativos de transporte	R\$ 6,75 R\$ 6,75  R\$ 12,23 R\$ 20,30 R\$ 11,25 R\$ 20,00  R\$ 6,75 R\$ 6,75  R\$ 8,60 R\$ 10,08  R\$ 11,43 R\$ 17,64	R\$ 256,10

		R\$ 15,00 R\$ 6,75 R\$ 23,61  R\$ 14,04 R\$ 14,88  R\$ 17,10 R\$ 6,75  R\$ 12,69 R\$ 6,75	
Alimentação	Lanches feitos entre os períodos de gravação	R\$ 12,63 R\$ 18,50	R\$ 31,13
<b>Total:</b>			<b>R\$ 20.758,31</b>

Fonte: Aluno (2024)

\*Fonte: SECULT Tabela de Preços - Serviços FGV (FEV 2022)

Tabela 2 - Precificação dos serviços

Serviço	Pessoal	Valor	Total
Pesquisador cinematográfico (produção)	Um profissional	R\$ 2.597,91/semana* X 2	R\$ 5.195,82
Videomaker (gravação + equipamentos)	Um profissional	R\$ 3.000/diária X 3 dias	R\$ 9.000
Gravação entrevistas	Um profissional	R\$ 780 (8 horas s/ equipamento)** X 2	R\$ 780
Gravações externas	Um profissional	R\$ 350 (3 horas s/ equipamento)** X 1	R\$ 350
Sessão de fotos	Um profissional	R\$ 10,00/foto*** X 550	R\$ 5.500
Roteirização	Um profissional	R\$ 35.256,91*/ documentário	R\$ 35.256,91
Editor de vídeo	Um profissional	R\$ 2.835,53*/semana X 8	R\$ 22.684,24

Assistente de edição	Um profissional	R\$ 1.210,72*/semana X 8	R\$ 9.685,76
<b>Total:</b>			<b>R\$ 88.452,73</b>

Fonte: Dos autores (2024-2025)

\*Fonte: Tabela para profissionais de longa, média e curta metragem do Sindicato dos Trabalhadores do Cinema e Audiovisual de Santa Catarina (Sintracine)

\*\* Fonte: Tabela de Freelas do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina

\*\*\*Fonte: Tabela CronoShare

## 5 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

A realização de um vídeo-documentário é um projeto que engloba diversas áreas do jornalismo: pré-apuração, roteirização, realização das entrevistas, decupagem, pré-edição e roteirização de vídeo. Além disso, envolve habilidades que vão além do jornalismo, como edição de vídeo, direção de arte e fotografia, captação de imagens e áudio, e todos os recursos necessários para uma produção audiovisual. Diante disso, posso afirmar que este projeto me proporcionou um aprendizado que extrapola a formação jornalística, contribuindo para meu conhecimento em áreas relacionadas, como o cinema.

Além disso, a realização deste TCC também aprimorou minha capacidade de organização. Embora eu já considerasse esse um dos meus pontos fortes, para atingir o resultado esperado, precisei levar essa habilidade a um nível ainda mais alto. Por envolver inúmeras etapas e variáveis, a organização foi essencial para que o projeto saísse do papel e fosse executado conforme planejado.

Um dos principais desafios foi agendar todas as entrevistas em apenas dois dias, conciliando a disponibilidade dos entrevistados com a minha agenda e a do *videomaker*. A logística foi complexa e exigiu um planejamento rigoroso para garantir que todas as gravações fossem realizadas dentro do prazo, sem comprometer a qualidade da apuração. Com um tempo tão limitado, era natural querer acelerar o processo, mas isso não era uma opção diante da profundidade do projeto.

Quando se trabalha com memórias e histórias pessoais, é essencial dar tempo para que as pessoas se sintam confortáveis e compartilhem suas experiências de forma espontânea. Por isso, ter realizado pré-entrevistas foi extremamente valioso, pois os entrevistados já sabiam o que esperar no dia da gravação e, muitas vezes, já haviam compartilhado histórias antes mesmo de eu começar a escrever o roteiro. Outra vantagem foi contar com um *videomaker* responsável pela montagem da câmera, iluminação e captação de áudio, o que me permitiu conversar com os entrevistados antes da gravação e reduzir a tensão inicial causada pela presença da câmera.

Outro desafio foi o curto prazo para a produção do documentário, apenas 15 semanas, o que tornou necessário solicitar Menção I para garantir a qualidade final do trabalho. Minha rotina de trabalho, somada aos *freelas* que realizo paralelamente, reduziu drasticamente o tempo disponível para me dedicar ao TCC, tornando a organização do cronograma ainda mais essencial.

Além disso, o tamanho final do arquivo do documentário dificultou tanto o processo de aprovação junto ao editor quanto o *upload* para o *YouTube*, exigindo ajustes técnicos e diferentes tentativas até que o vídeo fosse processado corretamente.

Dentro desse período de produção intensa, um fator que ajudou a equilibrar as demandas foi ter tirado 11 dias de férias, permitindo um período de dedicação total ao projeto. Embora a intenção inicial fosse usar esse tempo para realizar todas as gravações, pesquisas em acervos iconográficos e a decupagem, as agendas não permitiram que isso acontecesse exatamente como planejado. No entanto, o período de descanso ajudou a clarear as ideias e aprofundar as pesquisas, garantindo que o projeto seguisse dentro do tempo previsto. Mesmo tendo lutado contra a Menção I até o último segundo, percebi que as três semanas que deixei para a edição não seriam suficientes para alcançar o resultado desejado.

Apesar das dificuldades enfrentadas, acredito que este documentário atingiu seu objetivo de preservar a memória histórica de Florianópolis. Além de enaltecer o trabalho da Modateca, ele registra as histórias de famílias que contribuíram para a construção da identidade da ilha. Assim, esta produção tem um valor não apenas para a sociedade de forma geral, mas também para aqueles que se verão refletidos na tela e terão suas histórias preservadas.

Além disso, acredito que minha intenção de valorizar a moda brasileira e conscientizar sobre a importância da memória material para o estudo e entendimento da história foi bem-sucedida. Sei que este documentário representa apenas uma pequena parcela da história da ilha e que essa narrativa vai além da elite catarinense. Ainda assim, a experiência me permitiu compreender padrões de comportamento e perceber como a sociedade atual reflete a espetacularização descrita por Debord (1997). Mesmo com as transformações e avanços, ainda seguimos os mesmos moldes do final do século passado; agora com as redes sociais, especialmente o *Instagram*.

Por fim, levo deste trabalho a certeza de que sou capaz de produzir um material jornalístico de qualidade. Com o risco de soar prepotente, acredito que entreguei um bom trabalho. Ao longo da graduação, minha rotina profissional intensa muitas vezes me impediu de entregar trabalhos no nível que eu gostaria ou que sabia ser capaz. Por isso, a realização deste projeto foi, para mim, um grande desafio enquanto jornalista.

Por muito tempo, duvidei das minhas habilidades e, por isso, me comprometi a entregar o melhor projeto possível. Com um nível de autocrítica elevado, finalizei o documentário ainda com a sensação de que poderia ter feito mais: corrigido alguns detalhes,

regravado passagens com um microfone melhor, buscado mais imagens nos acervos, entrevistado mais pessoas.

Mas termino com a certeza de que fiz o melhor projeto que me foi possível. Sendo meu primeiro documentário, vejo essa experiência como um aprendizado para, quem sabe no futuro, produzir novos projetos que possam ser distribuídos digitalmente, em plataformas de vídeo, *streamings* ou até na TV aberta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNARD, Malcom. *Fashion theory. An introduction*. Londres-Nova York: Routledge, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/426/o/BOURDIEU\\_Pierre\\_O\\_poder\\_simb%C3%B3lico.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/426/o/BOURDIEU_Pierre_O_poder_simb%C3%B3lico.pdf). Acesso em: 6 jul. 2024.

CALANCA, Daniela. *Moda e patrimônio cultural entre imaginários sociais e práticas coletivas na contemporaneidade*. Revista de História, São Paulo, jul. 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/334425351\\_Moda\\_e\\_patrimonio\\_cultural\\_entre\\_imaginarios\\_sociais\\_e\\_praticas\\_coletivas\\_na\\_contemporaneidade](https://www.researchgate.net/publication/334425351_Moda_e_patrimonio_cultural_entre_imaginarios_sociais_e_praticas_coletivas_na_contemporaneidade). Acesso em: 6 jul. 2024.

CAMARA, Mauricio Ruiz. *Urbanização e Verticalização em Florianópolis-SC (1930-1970)*. Narrativa de Viagem, 2017. Disponível em: <https://narrativadeviagem.wordpress.com/2017/02/20/urbanizacao-e-verticalizacao-em-florianopolis-sc-1930-1960/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

CONSIGLIO, Gabriela. *Sobre feminilidade, psicanálise e moda*. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6277580>. Acesso em: 6 jul. 2024.

DAMIÃO, Carlos. *Memória de Florianópolis – A cidade de Nossa Senhora dos Aterros*. 11 set. 2016. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/memoria-de-florianopolis-a-cidade-de-nossa-senhora-dos-aterros/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Mauro Mendes. *Moda e mercado do olhar - ensaio*. Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/8914/7673>. Acesso em: 6 jul. 2024.

ESCREVENDO o futuro. *Fronteiras entre documentário e jornalismo*. Disponível em: [https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno\\_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-1-fronteiras-entre-documentario-e-jornalismo/](https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-1-fronteiras-entre-documentario-e-jornalismo/). Acesso em: 3 ago. 2024.

GISLON, Jacinta Milanez. *A cidade e o distanciamento do mar: consequências do aterro de Florianópolis*. 6 nov. 2015. Disponível em: <https://arquiteturahistoriaepatrimonio.wordpress.com/2015/11/06/a-cidade-e-o-distanciamento-do-mar-consequencias-do-aterro-de-florianopolis/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

GODART, Frédéric. *Sociologia da moda*. São Paulo: SENAC-SP, 2010.

GORDON, Bernard. *Moda, futilidade, falta de espaço*. In: Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=SMqCDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT7&dq=moda+futilidade,+falta+de+espa%C3%A7o&ots=C515adA13K&sig=Gblz4iDP3OPjAnRS02Dnu3ms138#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 6 jul. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>. Acesso em: 6 jul. 2024.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1999.

MIRANDA, Ana Paula de. *Consumo de moda: A relação pessoa-objeto*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

MODATECA SANTA CATARINA. Disponível em: <https://www.modateca-sc.com/>. Acesso em: 6 jul. 2024.

MOREIRA, Helena. *Moda como futilidade*. In: Google Books. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=eX71DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT29&dq=moda++como+futilidade&ots=tmNoT2PADF&sig=sspiseDx6bqzsRKbiFFobj\\_RrhA#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=eX71DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT29&dq=moda++como+futilidade&ots=tmNoT2PADF&sig=sspiseDx6bqzsRKbiFFobj_RrhA#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 6 jul. 2024.

MORELLI, Graziela. RIFFEL, Renato. *Os vestidos da Miss por Galdino Lenzi: análise de acervos de vestuário para a compreensão da manufatura e do consumo de moda na década de 1970 em Santa Catarina*. Modapalavra E-periódico , v. 8, p. 61-89, 2015.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. São Paulo: Papirus, 2001.

PEREIRA, Julia. *Análise do consumo de moda*. Disponível em: <file:///C:/Users/ana.antonioli/Downloads/8915-Documento%20principal-41912-1-10-20190407.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2024.

RODRIGUES, Camila. *Moda e cultura*. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3846>. Acesso em: 6 jul. 2024.

SANTOS, Maria. *História da moda*. Revista de História, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 98-112, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rh/a/XxCWP9ZHFqNXz79wTq4vMPv/>. Acesso em: 6 jul. 2024.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – CATALOGAÇÃO DAS PEÇAS

ESTILISTA/ COSTUREIRO	PEÇA	DÉCADA	DOADOR	USADO POR	LINK
Desconhecido	Vestido de cocktail	1950	Ana Luiza Pederneiras	Dinéia Maia Pederneiras	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/66">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/66</a>
Desconhecido	Acessórios	1950	Nelza Mafra Huedepohl	Olga Mafra	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/96">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/96</a>
Desconhecido	Acessórios	1950	Nelza Mafra Huedepohl	Olga Mafra	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/97">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/97</a>
Desconhecido	Acessórios	1960	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/179">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/179</a>
Desconhecido	Acessórios	1960	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/180">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/180</a>
Desconhecido	Acessórios	1960	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/181">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/181</a>
Desconhecido	Vestido de festa	1960	Sandra Daux	Sandra Daux	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/182">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/182</a>
Desconhecido	Acessórios	1970	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/211">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/211</a>
Desconhecido	Acessórios	1970	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/212">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/212</a>
Desconhecido	Acessórios	1970	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/213">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/213</a>
Desconhecido	Vestido de festa	1970	Luciane Fialho Daux	Tereza Leopoldina Fialho Daux	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/222">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/222</a>
Galdino Lenzi	Vestido de cocktail	1950	Galdino Lenzi	Arlete da Costa Ramos	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/90">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/90</a>
Galdino Lenzi	Vestido de noiva	1960	Nau Cruz	Sandra Daux	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/107">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/107</a>
Galdino Lenzi	Vestido de cocktail	1960	Joice Mussi Gonçalves	Valda Mussi	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/109">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/109</a>

Galdino Lenzi	Vestido de cocktail	1960	Aline Bértoli Amin	Inezyr Bértoli	<a href="https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/111">https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/111</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1960	Bianca Borin	Norma Mussi	<a href="https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/169">https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/169</a>
Galdino Lenzi	Vestido de cocktail	1960		Galdino Lenzi	<a href="https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/113">https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/113</a>
Galdino Lenzi	Vestido de debutante	1960	Ana Maria Fernandes	Maria Cristina Garozzi Keller	<a href="https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/170">https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/170</a>
Galdino Lenzi	Vestido de baile	1970	Rute Gebler / Estúdio Vozes	-	<a href="https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/122">https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/122</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1970	Rute Gebler / Estúdio Vozes	-	<a href="https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/126">https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/126</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1970	Mara Cherem	Mara Cherem	<a href="https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/128">https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/128</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1970	Rute Gebler / Estúdio Vozes	-	<a href="https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/187">https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/187</a>
Galdino Lenzi	Outro	1970	Ana Maria Linhares Cascaes	Ana Maria Linhares Cascaes	<a href="https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/191">https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/191</a>
Galdino Lenzi	Outro	1970	Ana Maria Linhares Cascaes	Ana Maria Linhares Cascaes	<a href="https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/192">https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/192</a>
Galdino Lenzi	Vestido de baile	1970	Ilma Rosa de Godoy	Dulcinéia Antonioli Moschetta	<a href="https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/194">https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/194</a>
Galdino Lenzi	Vestido de baile	1970	Ilma Rosa de Godoy	Ilda Lunardi Massolini	<a href="https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/199">https://www.modateca-sc.com/moduario/ver/199</a>

Galdino Lenzi	Outro	1970	Luciane Fialho Daux	Lídia Boabaid Daux	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/203">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/203</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1970	Galdino Lenzi	Rute Lenzi	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/223">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/223</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Mara Cherem	Mara Cherem	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/20">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/20</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Mara Cherem	Mara Cherem	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/129">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/129</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Zulma Cechinel De Lucca	Zulma Cechinel De Lucca	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/130">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/130</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Mara Cherem	Mara Cherem	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/133">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/133</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Aline Bértoli Amin	Inelzyr Bértoli	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/134">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/134</a>
Galdino Lenzi	Acessórios	1980	Ana Maria Philippi Gerent	Ana Maria Philippi Gerent	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/136">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/136</a>
Galdino Lenzi	Outro	1980	Regina Kenji Iriê	Regina Kenji Iriê	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/137">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/137</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Aline Bértoli Amin	Inelzyr Bértoli	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/230">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/230</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Ruth Lenzi Grieco	Ruth Lenzi Grieco	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/231">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/231</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Galdino Lenzi	Maria Tereza Lenzi	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/235">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/235</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Aline Bértoli Amin	Inezyr Bértoli	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/236">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/236</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Maria Olivia May Philippi	Maria Olivia May Philippi	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/238">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/238</a>

Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Luciane Fialho Daux	Luciane Fialho Daux	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/239">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/239</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Lenita Lehmkuhl	Lenita Lehmkuhl	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/245">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/245</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Mariana Búrigo	Maria Helena Lopes Silva	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/250">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/250</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Luciane Fialho Daux	Teresa Leopoldina Fialho Daux	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/251">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/251</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Zulma Cechinel De Lucca	Zulma Cechinel De Lucca	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/252">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/252</a>
Galdino Lenzi	Outro	1980	Regina Kenji Iriê	Regina Kenji Iriê	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/253">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/253</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Galdino Lenzi	Vanda Sales	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/254">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/254</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Regina Kenji Iriê	Regina Kenji Iriê	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/258">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/258</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1980	Mara Cherem	-	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/259">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/259</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1990	Mara Cherem	Mara Cherem	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/284">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/284</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1990	Galdino Lenzi	Eliana Cabral Cherem	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/144">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/144</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1990	Galdino Lenzi	Jucélia Cardoso Caetano	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/146">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/146</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1990	Lélia D'Acampôra	Lélia D'Acampôra	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/147">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/147</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1990	Regina Kenji Iriê	Regina Kenji Iriê	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/265">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/265</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1990	Regina Kenji Iriê	Regina Kenji Iriê	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/268">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/268</a>

Galdino Lenzi	Vestido de festa	1990	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/270">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/270</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1990	Aline Bértoli Amin	Inelzyr Bértoli	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/274">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/274</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1990	Lélia D Acampora	Lélia D Acampora	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/276">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/276</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1990	Lélia D Acampora	Ana Carolina D Acampora	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/277">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/277</a>
Galdino Lenzi	Vestido de noiva	1990	Ana Luiza Pederneiras	Marina Maia Pederneiras	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/281">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/281</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1990	Cristina Lacerda Prazeres	Cristina Lacerda Prazeres	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/282">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/282</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	1990	Lélia D Acampora	Lélia D Acampora	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/283">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/283</a>
Galdino Lenzi	Vestido de festa	2000	Sandra Ramalho	Sandra Ramalho	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/152">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/152</a>
Olga Mafra	Vestido de festa	1930	Nelza Mafra Huedepohl	Olga Mafra	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/50">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/50</a>
Olga Mafra	Camisa/Blusa	1930	Nelza Mafra Huedepohl	Olga Mafra	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/51">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/51</a>
Olga Mafra	Acessórios	1940	Nelza Mafra Huedepohl	-	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/65">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/65</a>
Olga Mafra	Vestido de cocktail	1950	Nelza Mafra Huedepohl	Neusa Lunardi Massolini	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/72">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/72</a>
Olga Mafra	Vestido de cocktail	1950	Nelza Mafra Huedepohl	Neusa Lunardi Massolini	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/73">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/73</a>
Olga Mafra	Vestido de passeio	1950	Nelza Mafra Huedepohl	Neusa Lunardi Massolini	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/77">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/77</a>

Olga Mafra	Vestido de cocktail	1960	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/99">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/99</a>
Olga Mafra	Vestido de noiva	1960	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/174">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/174</a>
Olga Mafra	Vestido de festa	1960	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/177">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/177</a>
Olga Mafra	Outro	1960	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/176">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/176</a>
Olga Mafra	Outro	1960	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/175">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/175</a>
Olga Mafra	Outro	1960	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/178">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/178</a>
Olga Mafra	Acessórios	1960	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/183">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/183</a>
Olga Mafra	Vestido de festa	1970	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/204">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/204</a>
Olga Mafra	Vestido de festa	1970	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/205">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/205</a>
Olga Mafra	Vestido de passeio	1970	Nelza Mafra Huedepohl	Olga Mafra	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/207">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/207</a>
Olga Mafra	Vestido de festa	1970	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/208">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/208</a>
Olga Mafra	Vestido de festa	1970	Nelza Mafra Huedepohl	Nelza Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/209">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/209</a>
Olga Mafra	Vestido de festa	1970	Dolores Rute Simões	Maria Cristina Simões	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/214">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/214</a>
Olga Mafra	Vestido de festa	1970	Dolores Rute Simões	Maria Cristina Simões	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/218">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/218</a>
Olga Mafra	Vestido de festa	1970	Dolores Rute Simões	Dolores Rute Simões	<a href="https://www.modateca-sc.com/moda/ver/220">https://www.modateca-sc.com/moda/ver/220</a>

Olga Mafra	<b>Vestido de festa</b>	1970	Dolores Rute Simões	Maria Cristina Simões	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/221">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/221</a>
Olga Mafra	<b>Vestido de festa</b>	1980	Nelza Mafra Huedepohl	Olga Mafra	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/242">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/242</a>
Olga Mafra	<b>Vestido de festa</b>	1980	Olga Mafra	Olga Mafra	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/243">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/243</a>
Olga Mafra	<b>Vestido de festa</b>	1980	Nelza Mafra Huedepohl	Olga Mafra	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/244">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/244</a>
Olga Mafra	<b>Vestido de festa</b>	1980	Nelza Mafra Huedepohl	Olga Mafra	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/246">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/246</a>
Olga Mafra	<b>Vestido de festa</b>	1980	Nelza Mafra Huedepohl	Olga Mafra	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/247">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/247</a>
Olga Mafra	Vestido de debutante	1980	Nelza Mafra Huedepohl	Olga Mafra	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/248">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/248</a>
Olga Mafra	Vestido de debutante	1980	Nelza Mafra Huedepohl	Cristina Mafra Huedepohl	<a href="https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/249">https://www.modateca-sc.com/mostruario/ver/249</a>

## **APÊNDICE B – ROTEIROS DE ENTREVISTAS**

### **Perguntas gerais:**

#### Introdução e Contexto

- História da família // Como era a vida em Florianópolis?

Infância - adolescência - formação (secundário/universidade) - dia comum - eventos e bailes - sonhos - mudanças na cidade

#### Relação com a moda

- Qual era sua relação com a moda?

Peças populares e tendências - Forma de consumo (revistas, programas de rádio, lojas, costureiras...) - Influências externas - Influência na vida cotidiana - Influência da mãe/avó/tia - Influência na forma de se portar frente a sociedade

- O que significava ter uma roupa nova? Era status, prazer, gosto pela moda?

#### Processo de criação

- Como era o processo de criação das peças?

Tecidos, modelagem, aviamentos - Limitações - Gostos pessoais - Peça marcante

#### Vivências

- Como foi a festa de debutante? Casamento? Evento marcante?
- Como a modernização de Florianópolis impactou nas tradições e no estilo de vida da sua família?
- Como é ser filha de uma pessoa que vende moda e é referência? Você andava sempre arrumada? O que mais te marcou nisso tudo?

#### Consumo

- Como era consumir moda na sua infância e depois na adolescência? Tem mudanças entre um período e outro?

Fábricas e lojas de tecidos - Relação com costureiros

Conservação e memória

- Por que você resolveu doar estas peças?

Relevância - Representação de ter o material conservado - Valor histórico durante a idealização

**Entrevista com Beirão:**

- Criação da Modateca

Importância histórica - Dificuldades - Significado pessoal

- Que tipo de peças estão na Modateca?

Mais valiosas - Classes sociais

- Como a modernização de Florianópolis influenciou a moda e as formas de consumo a partir dos anos 1950?

Costureiros - Lojas físicas - Prêt-à-porter

- Existia um modelo de “mulher ideal” em Florianópolis? Era diferente do restante do estado, do país e do mundo?

## APÊNDICE C – SLIDES DAS APRESENTAÇÕES USADAS NAS ENTREVISTAS

### *Slides* apresentados para Ana Luiza Maia Pederneiras Ballstaedt



Ano: 1950  
Estilista: Desconhecido  
Doado por Ana Luiza Maia Pederneiras Ballstaedt  
Usado por Dinéia Maia Pederneiras



Ano: 1990  
Estilista: Galdino Lenzi  
Doado por Ana Luiza Maia Pederneiras Ballstaedt  
Usado por Marina Maia Pederneiras

### *Slides* apresentados para Cláudia Salles



Ano: 1980  
Estilista: Galdino Lenzi  
Doado por Galdino Lenzi  
Usado por Vanda Salles

*Slides* apresentados para Carolina Grieco



Ano: 1960  
Estilista: Galdino Lenzi  
Doado por Galdino Lenzi  
Usado por Galdino Lenzi



Ano: 1970  
Estilista: Galdino Lenzi  
Doado por Galdino Lenzi  
Usado por Rute Lenzi



Ano: 1980  
Estilista: Galdino Lenzi  
Doado por Ruth Lenzi Grieco  
Usado por Ruth Lenzi Grieco



Ano: 1980  
Estilista: Galdino Lenzi  
Doado por Galdino Lenzi  
Usado por Maria Thereza Lenzi

## DAUX



DAUX, Lídia Boabaid, Luciane Fialho e Teresa Leopoldina Fialho

## SALLES



Ano: 1980  
 Estilista: Galdino Lenzi  
 Doador por Galdino Lenzi  
 Usado por Vanda Salles

## CHEREM



CHEREM, Mara e Eliana

KENJI  
IRIÊ

KENJI IRIÊ, Regina

## APÊNDICE D – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

COSTURANDO HISTÓRIAS						
Moda e memória na capital catarinense						
Trilha sonora	Imagens - Cobertura	Arq. Vídeo	Minutagem	Trecho	Lettering/ Naming	Lettering - Frases/palavras de destaque
Trilha calma, que remeta ao antigo. Usar a trilha colocada na vinheta como referência.	<a href="#">Logo do UFSC e CCE</a>					
						Um documentário de <b>Ana Luísa Antonioli</b>
	<a href="#">Imagens entrando na Modateca</a> (foco na maçaneta, na placa da porta). Imagens das caixas com as roupas, bonecas, acervo de revistas e jornais.					
		Beirão	0'12" até 0'17" + 3'31" até 4'06"	A Modateca foi criada no ano de 2003 na UDESC, como um projeto de extensão, + mas como um sonho de um futuro Museu da Moda de Santa Catarina,	<b>José Alfredo Beirão Filho</b> - Fundador da Modateca	

				<p>né? Eu frequento muitos museus de moda e sou apaixonado. Eu gosto muito de história da moda e acho que isso tem que estar, a gente tem que ter a nossa história. A gente tem nossos profissionais, os nossos costureiros, prensadoras, bordadeiras, a gente tem tudo isso então porque não guardar esse trabalho e mostrar ao público, principalmente aos estudantes de moda, como também figurinistas que possam pesquisar a roupa de época e por que não ao vivo na Modateca?</p>		
	<p><a href="#">A partir de 0'50" inserir imagens da Modateca com maior foco nas caixas, peças e catalogação</a></p>	Beirão	0'38" até 1'	<p>Com isso, a gente foi conseguindo, eu fui atrás de peças de roupas antigas que as pessoas estavam se desfazendo. Então, no início, era uma sala pequena de 18 m<sup>2</sup> e nesses 20 e poucos anos a coisa foi crescendo e hoje a gente está na biblioteca central da Udesc, né?</p>		

	<a href="#">Prédio da BU, indicação da Modateca na placa, imagem geral da sala</a>					
	<a href="#">Peças que estão nas caixas para serem catalogadas</a>	Beirão	2'17" até 2'36" + 2'41" até 3'18"	<p>Por que você acha que as pessoas resolviam doar as peças? Você acha que elas tinham consciência dessa importância histórica? O que acontece ainda hoje, as pessoas saem das casas grandes que elas moram e vão morar num apartamento. Então eu, quando descobria que alguém ia se mudando, enfim, né? A informação chega. Eu entrava em contato e eles repassavam todas as roupas, todo esse acervo que estava guardado em casa, mas por questão de carinho, de história de vida, do que propriamente o valor financeiro da peça, ela tem um valor emocional muito forte, né? E com isso a gente conseguiu a</p>		

				salvuarda desses materiais que estão na Modateca.		
	<a href="#">Fotos e vídeos das peças feitas em estúdio</a>	Beirão	1'07" até 1'18"	Então a coisa foi crescendo e hoje a gente conta com um acervo de aproximadamente 3.000 peças para mais que contam a história da moda em Santa Catarina.		
	<a href="#">Fotos e vídeos das peças feitas em estúdio, finalizando com as fotos da família Daux</a>	Luciane	19'53" até 20'42"	Roupas muito clássicas e que continuaram em nossos armários. Minha mãe faleceu, mas as roupas dela se mantiveram comigo, guardei todas elas até que, em 2003, o Beirão criou a Modateca para a Udesc e convidou algumas pessoas ou todas que eram clientes de grandes costureiros, em particular do Lenzi, porque houve uma exposição do Lenzi, né? Se gostaríamos de doar essas roupas e prontamente, prontamente, até me emocionou, as roupas que eu tinha, eu levei do Lenzi, as roupas da minha mãe também. E no ano passado, se eu não me engano, houve uma exposição no Shopping	<b>Luciane Fialho Daux</b> - Cliente do Galdino Lenzi	

				Beira-mar e tava lá um vestido do Lenzi, da minha mãe, azul marinho. Foi muito emocionante.		
	<a href="#">Lu na exposição</a>   <a href="#">Tia dela</a>   <a href="#">Carol</a>   <a href="#">Cláudia</a>					<b>Exposição no Beiramar Shopping em 2022</b> Fotos: Miguel Serrão/Divulgaçã ão/ND
	<a href="#">Espaço da Modateca</a> + <a href="#">Espaço + Focar nas páginas com os nomes deles</a> + <a href="#">Caixa Lenzi</a> + <a href="#">Caixa Olga</a> + <a href="#">Site indo até a roupa da Lu</a> + <a href="#">Pesquisa no google, chegando na matéria</a> + <a href="#">exposição 1</a> +		<a href="#">OFF 1</a>	<p>Eu me apaixonei pela Modateca no momento que conheci o lugar, mas não imaginava que seria o ponto de partida para o documentário.</p> <p>Quando eu ouvi, na apresentação que eles fazem aos visitantes, que uma determinada renda foi escolhida para a peça, porque as rendas europeias pararam de vir para o Brasil por causa da Segunda Guerra foi como se uma luz acendesse na minha cabeça.</p> <p>Eu sabia que ali existia muita história, mas foi por causa dessa fala que eu vi que precisava mostrar que ali não eram apenas peças de roupas, que aquilo era</p>		

	<p><a href="#">exposição</a></p> <p><u>2</u></p>			<p>uma fonte material riquíssima. Que as peças podiam ser fonte de estudo da história de forma geral e não só da história da moda.</p> <p>Aquelas peças carregam nomes de costureiros, de famílias, de toda uma sociedade e isso precisava ser mostrado ao público.</p> <p>Isso precisava sair do ambiente universitário até para ser ainda mais valorizado, porque a gente sabe de toda dificuldade com verba que os projetos de extensão das universidades públicas passam.</p> <p>Aí eu mergulhei naquele acervo e percebi que havia dois nomes de costureiros que se repetiam. Olga Mafra e Galdino Lenzi. Então comecei a trabalhar em cima desses nomes, que descobri serem dois dos maiores costureiros da ilha.</p> <p>Depois de catalogar as peças criadas por eles, os nomes de doadores e, até então, possíveis clientes, também se repetiam. Decidi</p>		
--	--	--	--	---	--	--

				<p>jogar no Google o sobrenome Daux e encontrei a notícia da exposição feita no Shopping Beira-Mar e ali tinha uma foto com a Luciane Daux. Mandei mensagem pelo Instagram mesmo, marcamos uma conversa e ali ela abriu caminhos e me deu o contato de várias outras clientes do Lenzi.</p> <p>No caso da Olga, fiz a mesma busca e o resultado da pesquisa era o nome “Dra. Olga Mafra Huedepohl”. Entrei em contato e era neta dela.</p>		
		Nelza	10'05" até 10'10"	Ela costurava para o estado todo.		OLGA MAFRA
		Olga	47'57" até 5'13"	Ela via aquilo que ia ocorrer, que ia acontecer e de repente aquilo explodia, né?		
		Nelza	41'49 até 42'04"	Ela era uma artista, né? Hoje eu vejo que a minha mãe, ela tinha um espírito de artista.		
		Cláudia	6'09" até 6'13"	Ele foi uma figura daqui que ganhou destaque nacional.		GALDINO LENZI
		Luciane	10'44" até 10'50"	O Lenzi só olhava para mim e fazia e era perfeito.		
VINHETA						

	Livro da Singer	Nelza	0'28" até 2'55"	<p>Vamos voltar lá para os idos de 1937, 38. Meu pai era representante, era técnico em contabilidade e ele tinha uma série de produtos que ele representava lá em Itajaí. E aí surgiu a máquina Fafi que era concorrente da Singer. E eles precisavam de alguém para introduzir essa nova máquina de costura, que era uma novidade na época. Então a minha mãe foi para Blumenau. [...] Ela era uma professora de corte e costura para poder revender a máquina e eles vieram para Florianópolis. [...] Mas em 39 estourou a guerra e não veio mais produto nenhum.</p>	<p><b>Nelza Mafra Huedepohl</b> - Filha da Olga Mafra</p>	
		Nelza	3'17" até 4'40" + 5'26" até 5'34"	<p>Minha mãe sugeriu abrir uma casa de modas, uma loja, e ela então foi ao Rio - que na época era o centro do Brasil, em questão de moda, em questão de novidade, de chique, era o Rio de Janeiro - e lá ela fez um curso com uma a modista francesa que era amiga e uma amiga dela. E aí ela aprendeu a arte da</p>		

				Alta Costura, de cortar no manequim, de modelar... [...] E a loja dela então chamou-se Bazar de Modas Alta Costura.		
	<a href="#">Dona Otília + reportagem dela</a>	Luciane	4'42" até 5'10"	A nossa família sempre foi marcada por mulheres muito fortes. Começando pela minha vó, Otília, mãe da minha mãe, que ficou viúva muito cedo e que para sustentar as três filhas que ela tinha, ela começou a costurar para fora. Então ela tinha um atelier, Madame Otília Fialho, que era ela, fazia docinhos para fora também e assim ela vestiu a minha mãe e as duas irmãs dela para todas as festas da sociedade.	<b>Luciane Fialho Daux</b> - Cliente do Galdino Lenzi	
		Carol	0'12" até 0'20"	O Galdino nasceu em Rio dos Cedros, Galdino Lenzi, para a gente, apesar de ser o Lenzi para todo mundo, era o nosso tio Galdino.	<b>Carolina Grieco - Sobrinha-neta do Galdino Lenzi</b>	
		Ana	0'23" até 0'49"	Minha família é natural de Floripa, apesar da minha mãe nascer em Joinville e vir pequenininha para cá e o meu pai nasceu em Curitiba, porque na época meu vô	<b>Ana Luiza Pederneiras</b> - Cliente do Galdino Lenzi	

				estava trabalhando lá no Paraná. Mas, a vida profissional dele foi toda feita aqui em Florianópolis, então... e eu sou mané.		
	<a href="#">Pais da Cláudia</a>	Cláudia	0'15" até 0'25 + 2'45" até 3'03"	Eu trouxe eles aqui para homenageá-los, recordá-los, meu pai Waldemar, minha mãe Vanda. Eles nasceram em Tubarão, no sul do estado. + Eles vieram morar para cá, porque meu pai se elegeu Deputado. E aí, claro, aqui era outro mundo, né? <del>[E você que tá falando da Dona Olga e do Lenzi haviam nomes expressivos aqui.]</del> Florianópolis era A capital.	<b>Cláudia Salles - Cliente do Galdino Lenzi</b>	<b>Vanda e Waldemar Salles</b> Pais da Cláudia
	<a href="#">Imagens do desenvolvimento de Floripa</a>	Beirão	10'45" até 11'11"	Com a vinda da Eletrosul, desenvolvimento da Universidade, Telesc com essas grandes empresas Florianópolis, começa a crescer e uma nova clientela foi surgindo e estilistas também. Temos a Èrica Wiese Thiesen, temos a Nilma Vieira,		
	<a href="#">Estilistas mencionados</a>	Beirão	11'11" até 11'23"	Gesoni Pawlick, o Zé Gomes e com isso a moda começou a ter uma grande participação na vida		

				financeira aqui de Florianópolis.		
	<a href="#">Imagens das lojas no centro</a>					
	Eu no centro passando pelos lugares em que ficavam as lojas + <a href="#">Anúncio da inauguração da Modelar + Aniversário o A Modelar</a>	<a href="#">PASSAGEM EM-LOJAS</a>		<p>É no final da década de 1950 que as lojas e boutiques se popularizaram. O prêt-à-porter, ou “pronto para vestir” em tradução literal, caiu na graça da população e passou a fazer parte do cotidiano das pessoas.</p> <p>A primeira loja a vender “roupa pronta” e talvez uma das mais populares da época era A Modelar. Ela estava localizada até 1950, na Rua Trajano, entre a Felipe Schmidt e a Conselheiro Mafra. Depois foi construído um prédio próprio na mesma rua, mas, entre a Felipe Schmidt e a Tenente Silveira, bem em frente aos jardins do Palácio Cruz e Sousa. Ali ela ficou até o fechamento, no início da década de 1980.</p> <p>Além dessas lojas que vendiam “roupa pronta”, tínhamos também as lojas</p>		<p>[Anúncio da inauguração] <b>Jornal <i>Unidade</i> (SC)</b> 1958</p> <p>[aniversário] <b>Jornal <i>O Estado</i></b> 1963</p>

				de tecido, que continuavam sendo muito frequentadas. Havia a Galeria das Sedas e também a Kotzias Tecidos, sendo esta última a favorita de Galdino Lenzi.		
	<a href="#">Imagens de Florianópolis nas décadas de 1940 e 1950</a> + inserir <a href="#">essa</a> e <a href="#">essa</a> foto	Beirão	8'08" até 8'21"	O mundo seguiu sempre a moda vigente, ditada pela França. E Santa Catarina não foi diferente, né? Nos anos 50 o New Look tomava conta das mulheres no mundo inteiro.		
	<a href="#">Roupas no estilo New Look do Dior</a>	Beirão	18' até 18'05" + 8'08" até 8'53"	E isso chegou a Florianópolis também, embora com um certo atraso, né? + Mas como isso acontecia aqui em Florianópolis como uma moda ditada em Paris chegava a uma provinciana Florianópolis dos anos 50? Nós tínhamos nessa época uma grande costureira que se chamava Olga Mafra, que começou a adaptar o corpo das mulheres florianopolitanas à, então, moda vigente. Então eu diria que ela foi a primeira e	<b>José Alfredo Beirão Filho</b> - Fundador da Modateca	

				com isso, esse conhecimento foi se distribuindo entre as outras costureiras.		
		Nelza	6'04" até 7'35"	Eu acho que minha mãe tinha uma visão de artista. Ela tinha uma premonição do que ia se usar, ela sabia como usar, né? Ela lançava a moda no salão, porque ela dizia que quando a moda chegava na calçada deixava de ser moda. Então as cores, a modelagem, aquela harmonia entre a o corpo da pessoa, da largura dos ombros, da largura dos quadris, da altura, tudo isso tinha que ter uma harmonia e uma harmonia muito agradável.	<b>Nelza Mafra Huedepohl</b> - Filha da Olga Mafra	<b>"A moda nasce no salão, quando chega na calçada deixa de ser moda."</b> Olga Mafra
	<a href="#">Vestido</a>   <a href="#">Vestido 2</a>   <a href="#">Sutiã com bojo</a>   <a href="#">Seis</a>   <a href="#">Sete</a>   <a href="#">Oito</a>	Beirão	18'06" até 19'01"	Então o padrão do corpo feminino nessa época era os ombros arredondados, um seio delicado colocado em evidência e uma cintura super fina, né? Então é lógico que nem todas as mulheres tinham esse corpo, né? Então elas buscavam com seus costureiros, suas costureiras, como fazer o		[Nas imagens 6, 7 e 8] Usado por <b>Nelza Mafra Huedepohl</b> Criado por <b>Olga Mafra</b>

				<p>corpo se adaptar a este novo modelo, né? Então era um sutiã com enchimento, era uma saia com um bolso maior ou com um detalhe para que pudesse afinar a cintura, o retorno do espartilho, aquilo que era usado no final do século 19, voltou em 1950, onde a mulher teria essa nova formação ou deformação no corpo.</p>		
	<p><a href="#">Um</a>   <a href="#">Dois</a>   <a href="#">Três</a>   <a href="#">Quatro</a>   <a href="#">Cinco</a>   <a href="#">Cinturita</a> + fotos da mãe da Ana</p>	<a href="#">OFF 1</a>		<p>Estes valores estéticos eram determinantes para o modo como a mulher era vista na sociedade. Então se adequar a eles era estritamente necessário. É aí que surge a cinturita, por exemplo. Ela era um cinto bem largo, justo ao corpo, forrado com entretela e ficava por baixo do vestido. Era confeccionada direto no corpo da cliente, que precisava usar por um mês antes da confecção do vestido para ganhar cintura.</p> <p>Então é claro que as mulheres que já estavam dentro deste padrão se destacavam. Entre elas,</p>		<p>[Nas imagens 3 e 4] <b>Neide Maria</b> <b>Rosa</b> Cantora</p>

				tínhamos Dinéia Maia Pederneiras, que, por ser uma mulher bonita e estar sempre presente nos eventos da alta sociedade, foi convidada a participar do primeiro filme gravado na ilha.		
	<a href="#">Jornal estreia</a> (parte inferior) + <a href="#">Imagens da gravação do filme "O Preço da Ilusão"</a> + <a href="#">Anúncio jornal</a> (canto inferior direito) + <a href="#">Imagens do vestido na Modateca</a> + Imagens da D. Dinéia, mãe da Ana, nas filmagens	Ana	9'13" até 10'11"	<p>E veio esse filme aqui para Florianópolis e a comunidade, a sociedade ficou muito envolvida. E a minha mãe [<del>que era uma mulher muito bonita, parte da sociedade,</del>] foi convidada para participar dessa filmagem e esse vestido verde, que para mim é maravilhoso, está um clássico ali na Modateca, ele foi numa cena em que ela estava num [coquetel, numa lanchonete que se chamava, um] restaurante Pérola, se eu não me engano, e usou aquele vestido foi feito exclusivamente, pela minha avó, pela costureira.</p>		<p>[Nos dois jornais]</p> <p><b>Jornal <i>Unidade</i> (SC)</b> 1958</p> <p>[fotos do filme]</p> <p><b><i>O Preço da Ilusão</i></b> Cenas do filme</p> <p>[vestido Modateca] Vestido usado por Dinéia Maia Pederneiras durante a gravação do filme</p> <p>[fotos da D. Dinéia]</p> <p><b>Dinéia Maia Pederneiras</b></p>

						Mãe da Ana Luiza
	Jornais com a D. Dineia - mãe da Ana - (posteriores, falando sobre o filme), seguidos do <a href="#">trecho do filme</a>	<a href="#">OFF 1</a>		O Preço da Ilusão é um filme de 1957 e nunca chegou a sair em cartaz por conta de uma série de problemas, como problemas de edição, corte e continuidade, além de ter sido considerado um "fiasco" pela crítica e pelo público da época. Talvez o mais curioso sobre o longa é que a cópia original desapareceu e restou apenas um trecho de cerca de sete minutos que foi encontrado nos arquivos da Cinemateca de São Paulo. Mas o destino da cópia original é incerto até hoje.		[trailer do filme] <b>O Preço da Ilusão</b> 1957
	<a href="#">Eu na frente do CineRitz</a>	<a href="#">PASSAGEM - CINERITZ</a>		O cinema, assim como as revistas e os jornais, era muito popular e sua expansão na ilha se deve em grande parte à família Daux. Na década de 1940 o Cine Rex foi fechado e deu espaço ao Cine Ritz, inaugurado por Miguel Daux. Além dele, havia outros cinemas, como o		

				Cine São José, Roxy, Odeon e tantos outros. A aceitação por parte da população foi tamanha, que a família Daux decidiu investir na criação de mais salas, dando início à sequência de anos prósperos para a cultura em Florianópolis.		
		Beirão	32'01" até 32'10"	Um grande filme que influenciou as mulheres na década de 50, nesse período do New Look, foi a Princesa e o Plebeu.	<b>José Alfredo Beirão Filho</b> - Fundador da Modateca	
	<a href="#">Trailer do trailer do filme "A Princesa e o Plebeu"</a>		0'25" até 0'39"			<b><i>A Princesa e o Plebeu</i></b> 1953
	<a href="#">01 Roman Holiday (0'9" até 0'16")</a> + <a href="#">00 Roman Holiday (0'33" até 0'38")</a>	Beirão	32'10" até 32'42"	Por incrível que pareça a loja Modelar, que é uma loja referência de moda nesse período, rapidamente fez uma vitrine com um traje semelhante ao que a atriz usava, que era a Audrey Hepburn, e foi uma loucura, todo mundo queria comprar, todo mundo queria ter o mesmo estilo de roupa que a atriz estava usando e a Modelar fez essa		

				mágica para as mulheres de Florianópolis,.		
	<a href="#">2 páginas de jornal com anúncios do filme [ir dando zoom na página onde está anunciando o filme - uma embaixo e outra na lateral direita]</a>	Olga	23'43" até 34'16"	<p>Ir no cinema era um acontecimento, assim, né?</p> <p>Tipo, a gente tinha já as sessões de cinema, a gente marcava, aí já era o dia pra gente ir no cinema, dali a gente ia fazer um lanche na Confeitaria da Sallys que era um lanche, que era uma confeitaria que tinha lá no centro.</p>	<b>Olga Mafra Huedepohl - Neta da Olga Mafra</b>	
	<a href="#">cine 1   cine 2   cine 3   cine 4   cine 5   4 pinturas dos cinemas</a>	<a href="#">OFF 2</a>		<p>Existiam, até o início da década de 1960, diversos nomes para as sessões de cinema. Estes nomes ajudavam a identificar o público esperado para aquela sessão. Quando olhamos as crônicas escritas nos jornais da cidade, a mais comentada era a Sessão das Moças, que acontecia no Cine Ritz, entre 1943 e 1962.</p> <p>Ali era o lugar que as mulheres socializavam e</p>		<p>[fotos antigas do cinema]</p> <p><b>Cine Ritz</b> Rua Arcipreste Paiva, 110</p> <p>[última foto, com pessoas]</p> <p><b>Interior do Cine São José</b></p> <p>[pinturas]</p> <p><b>Livro <i>Cinemas (de rua) de Floripa</i></b></p>

				<p>demonstravam as boas maneiras compelidas a elas.</p> <p>Então tudo que era aprendido nos conselhos das revistas era exibido naquele evento. As mulheres iam para demonstrar um ideal de feminilidade e consumiam ainda mais conteúdo sobre o assunto, já que os filmes eram, em sua grande maioria, sobre o amor romântico e traziam lições sobre a moral e a valorização da família, principalmente do homem, do marido.</p>		Por Átila Ramos
	<a href="#">revista 1</a>   <a href="#">revista 2</a>   <a href="#">revista 3</a>   <a href="#">revista 4</a>   <a href="#">revista 5</a>	Beirão	23'08" até 23'45"	<p>As revistas que influenciaram a moda nos anos 50 eram bem específicas, como o Jornal das Moças, FonFon, a Revista do Rádio, onde todas as rainhas do rádio estavam presentes também ditando moda e desenvolveram um super papel importante na produção de moda dos 50. Uma outra são as revistas importadas alemães que chegavam a Florianópolis e</p>	<p><b>José Alfredo Beirão Filho</b> - Fundador da Modateca</p>	

				às mãos de Dona Olga Mafra se baseavam para desenvolver todo o seu trabalho na área de criação.		
		Luciane	10' até 10'24"	Minha mãe, como costurava também, ela assinava uma coisa que pouco se fazia, a Burda. [ <del>Era uma revista muito antiga que vinha com moldes</del> ] Então eu lembro muito bem, na mesa lá de casa, aqueles moldes abertos. Ela colocava o tecido... Eu escuto até hoje o barulho da tesoura cortando, que era um barulho muito particular [ <del>e era uma moda européia</del> ]. Então a Burda frequentou muito a nossa casa.	<b>Luciane Fialho Daux</b> - Cliente do Galdino Lenzi	
	<a href="#">revista 1</a>   <a href="#">revista 2</a>   <a href="#">revista 3</a>   <a href="#">revista 4</a>   <a href="#">revista 5</a>   <a href="#">revista 6</a>	B eirão	34'43" até 35'05"	Todos se aproveitavam dessas modelagens para, a partir daí, fazer a sua interpretação pessoal do modelo. Quem queria um modelo igual a revista poderia comprar até a modelagem pronta, que eles enviavam, [ <del>fazer e montar como tal e qual,</del> ] ou a partir daquelas instruções que estivesse na revista,		

				eles desenvolviam a sua própria modelagem.		
		Cláudia	25'53" até 26'17" + 26'40" até 27'	<p>As revistas de moda eram disputadíssimas, disputadas a tapa. Elas valiam ouro. E era dali que as mulheres entendiam as tendências. Então uma das coisas que quando eu viajava, eu trazia e deixava minha mãe alucinada de felicidade, era revista de moda. + A pessoa arrancava a página da revista, levava para o Lenzi, para o Lenzi fazer igual. Depois era aquela agitação de ir no comércio e ver o que você achava para comprar em termos de tecidos e aviamentos que pudesse chegar perto daquilo que tava na revista.</p>	<b>Cláudia Salles - Cliente do Galdino Lenzi</b>	
	<a href="#">Galeria das Sedas</a>   <a href="#">Tecidos</a> (cortar a escada)   <a href="#">Kotzias</a>   <a href="#">Roupa 1</a>   <a href="#">Roupa 2</a>	Luciane	13'11" até 13'32"	<p>A escolha de tecido, então, se resumia a duas lojas, né? A Galeria das Sedas, da dona Salma, da Sônia Barbato e a Kotzias Tecidos, sempre os melhores tecidos, muito bom gosto, tinha uma estilista que desenhava muito classicamente e levava para o Lenzi ou levava para o</p>		<p>[roupa 1 e roupa 2] <b>Kotzias Collection</b> Usado por Lenita Lehmkuhl</p>

				José ou, hoje, para a Patrícia Sabiá.		
	<p><a href="#">Número da rua</a>   <a href="#">Jornal</a> (canto inferior direito)   <a href="#">Jornal 2</a> (lá embaixo - Plácido Mafra)   <a href="#">Jornal 3</a> (lá embaixo - Bazar de Modas)   <a href="#">Jornal 4</a> (do meio para a direita - Point-a-jour)   <a href="#">Casa</a>   <a href="#">Casa 2</a></p>	<p><a href="#">PASSAGEM - DONA OLGA</a></p>		<p>Escolhidos os tecidos, um dos lugares que as mulheres da alta sociedade iam era no número 34 na Rua Felipe Schmidt. Aqui ficava o Bazar de Modas Alta Costura, a loja da Dona Olga.</p> <p>Há poucos metros da loja, Dona Olga morava com sua família. Aqui no número 19, da Sete de Setembro, ela criou os filhos e acolheu os netos, acompanhando todos aos eventos da alta sociedade.</p>		<p>[jornais]</p> <p><b>Anúncios em jornais da loja Bazar de Modas</b></p> <p>Atualidades (SC), 1948 - A Gazeta, 1945 - Atualidade (SC), 1946</p>
		Olga	45'26" até 46'11" + 0'28" até 1'19"	<p>A vó foi uma pessoa que sempre esteve muito presente na sociedade aqui de Florianópolis, né? Nesse sentido de tudo, de festas, de glamour, né? De uma época que era, digamos assim, era muito mágico</p>	<p><b>Olga Mafra Huedepohl - Neta da Olga Mafra</b></p>	

				<p>isso, né? + Ela tinha casa ali no centro da cidade, na Sete de Setembro, e a gente estava sempre lá. Então umas das coisas que eu me lembro da vó, é que ela tinha uma caixa cheia de botão, botão de tudo quanto era coisa e a gente gostava de ir lá e abria e mexia naqueles botões. Eu me lembro que ela tinha uma tesoura que fazia o barulho na mesa, croc croc croc croc, de cortar os moldes, sabe? E eu me lembro dela e da mãe conversando, porque tem um aniversário, “vamos botar uma roupa onde na Gutinha”, “que roupa que vai ser?”, “é bailinho de carnaval”, “vamos fazer uma fantasia para elas!”. Então eu me lembro da vó com a gente sempre no sentido de como que a gente ia em tal lugar e de brincar com as coisinhas da vó, que ela tinha lá na casa dela.</p>		
	<p><a href="#">Foto antiga   Vestido 1</a></p>	Nelza	26'34" até 27'12"	<p>Ela tinha um atelier com 8 a 10 funcionárias, né? E ela fazia grande parte dos</p>	<p><b>Nelza Mafra Huedepohl</b></p>	<p>Usado por <b>Nelza Mafra Huedepohl</b></p>

	<a href="#">Vestido 2</a>   <a href="#">Vestido 3</a>			vestidos de debutantes, os bailes de debutantes, sempre foram o auge. Eu debutei inclusive, né?	- Filha da Olga Mafra	Criado por <b>Olga Mafra</b>
	<a href="#">Jornal Baile Branco</a>	Beirão	25'03" até 25'18" + 25'24" até 25'30"	Desde sempre no Clube Doze de Agosto, a gente tinha o tradicional baile branco, que era um baile de debutantes onde todas as meninas da sociedade florianopolitana e quiçá catarinense se apresentavam neste baile. Então era um grande evento + onde as pessoas se produziam de verdade, para ir a essa grande festa, esse baile.		
	<a href="#">Branco Roupas</a>	Ana	14'46" até 14'59" + 20'18" até 20'39"	Aí é onde que as roupas eram feitas nos costureiros, né? Porque não tinha para comprar roupa de festa pronta, não era comum. + O costureiro tinha um papel fundamental na construção da roupa, né? Era um conhecimento que não tinha um estudo, ele aprendia no dia a dia, aprendia com outros costureiros, olhando... Então era um profissional de	<b>Ana Luiza Pederneiras - Cliente do Galdino Lenzi</b>	[imagem do jornal] <b>Jornal O Estado</b> 1970

				valor, um valor que ele agregava à peça.		
		Olga	14'13" até 15'25"	<p>Foi uma época realmente que a moda, digamos assim, era uma moda que a gente mandava fazer, a gente tinha um casamento, tinha um vestido, a gente mandava fazer, a gente não ia na loja e comprava o vestido pronto, geralmente a gente "Ai, vamos lá na Dona Olga ou no Lenzi".</p> <p>Então, na época de debutante, era uma coisa assim que todo mundo tinha que ter um vestido diferente, gostavam das novidades, seja um casamento, debutante ou mesmo para desfilas de rainha.</p>	<b>Olga Mafra Huedepohl - Neta da Olga Mafra</b>	
	<a href="#">Desfile 1</a> (foco na foto da mulher)   <a href="#">Desfile 2</a> (foco na manchete)   <a href="#">Desfile 3</a> (foco no meio "Desfile	Nelza	7'38" até 8'35" + 8'46" até 8'53"	<p>Era uma época em que não existia o prêt-à-porter e que cada modelo era único.</p> <p>Então existiam os desfiles de moda e ela fez diversos desfiles de moda em que as mulheres usavam sapatos de cetim, todo do mesmo tecido do vestido, chapéus que eram feitos pela Dona Dorotéia Couto [...] luvas</p>	<b>Nelza Mafra Huedepohl</b> - Filha da Olga Mafra	<p>[Desfile 1] <b>Jornal O Estado</b> 1960</p> <p>[Desfile 2] <b>Jornal O Estado</b> 1957</p> <p>[Desfile 3] <b>Jornal O Estado</b> 1959</p>

	Bangu em SC terá direção de Zury...")			carteiras, né? A mulher era muito chique.		
	Mapa mostrando a localização dos bairros mencionados vs centro	Beirão	28'18" até 28'47"	Um ponto importante que a gente tem no se vestir dessas mulheres, é que, por exemplo, elas moravam no centro de Florianópolis tudo se resumia, basicamente, ao centro, né? Então elas moravam na chácara de Espanha, na Esteves Júnior ou em alguma outra região afastada do centro comercial, né? Mas toda vez que elas vinham a esse centro comercial ou tomar um chá ou fazer uma compra, alguma coisa, elas se produziam para tal.	<b>José Alfredo Beirão Filho</b> - Fundador da Modateca	
	<a href="#">Jornal</a>	Nelza	31'16" até 32'10"	Na Felipe Schmidt, em frente ao Lux Hotel, naquela ali, em frente a pracinha, ali era uma footing. As moças andavam de mão para lá... de braço, né? Para lá e pra cá . Eu me lembro que no colégio, a gente saía do colégio no sábado e íamos para a praça, porque o centro da cidade era ali.	<b>Nelza Mafra Huedepohl</b> - Filha da Olga Mafra	<b><i>Footing</i></b> Ato de caminhar nas praças da cidade - homens de um lado e mulheres do outro - com o objetivo de flertar.  [Jornal]

						<b>Jornal O Estado</b> 12/08/1972
	<a href="#">1</a>   <a href="#">2</a>   <a href="#">3</a> vs <a href="#">4</a>   <a href="#">5</a> vs <a href="#">6</a> ou <a href="#">o</a> <a href="#">vídeo</a>	<a href="#">FF 1</a>		<p>O centro, diferente do que é hoje, era frequentado pela elite da ilha, eles faziam tudo ali. Todas as suas atividades aconteciam ali. Então os principais colégios, como o Catarinense ou o Coração de Jesus, os clubes, as lojas, os cinemas, tudo ficava no centro.</p> <p>A Felipe Schmidt, as Avenidas Rio Branco e Hercílio Luz, a Esteves Júnior, a praça XV, todos esses locais eram parte do dia a dia dessas pessoas. Então você saía da praça, do Largo da Catedral e logo ali já era o Cine Ritz, na Arcipreste Paiva, um dos cinemas mais frequentados pela alta sociedade.</p>		<p>[Fotos]</p> <p>A partir da década de 1960, iniciou-se o <b>aterramento de inúmeras regiões na cidade</b>, incluindo a central. Anteriormente, <b>era possível ver o mar estando na Rua Felipe Schmidt ou na Praça XV.</b></p>
		Olga	22'34" até 23'36"	<p>A gente tinha muita liberdade de andar, por exemplo, ia sozinha para o colégio, voltava com os amigos, não tinham muitos prédios, todo mundo tinha casa. Então a gente ia na casa. "Ai, vamos lá na casa tomar um banho de</p>	<b>Olga Mafra</b> <b>Huedepohl</b> <b>- Neta da</b> <b>Olga Mafra</b>	

				piscina”, não sei, na casa de uma amiga. Era difícil quem morasse em apartamento, entende? A gente pegava a bicicletinha e ia andar, a gente só avisava "Oh, mãe vou lá na casa da Rutinha". Eu ia, subia e descia a rua, sabe?		
	Colombo Salles <a href="#">1</a> e <a href="#">2</a>	Carol	13'43" até 13'54"	Eu me lembro quando foi aberta a Ponte Colombo Salles. Então foi uma coisa assim... nossa, sei lá, eu devia ter, uns cinco anos por aí, e a gente foi brincar de atravessar a ponte.	<b>Carolina Grieco - Sobrinha-neta do Galdino Lenzi</b>	<b>Construção da Ponte Colombo Salles inaugurada em 08/03/1975</b>
	Catarinense <a href="#">1</a> e <a href="#">2</a>	Nelza	18'10" até 19'03"	Eu me lembro bem, do Colégio Catarinense, do colégio Coração de Jesus, onde eu estudei e do Colégio Catarinense, porque era feminino e masculino, né? Não se misturavam. As festas nos clubes, as festas de casamento que eram em casa, porque era uma sociedade pequena, mas era uma sociedade onde todos se conheciam.	<b>Nelza Mafra Huedepohl</b> - Filha da Olga Mafra	<b>Colégio Catarinense</b> Início do século XX
	<a href="#">Atual 1</a>   <a href="#">Atual 2</a>   <a href="#">Atual 3</a>	<a href="#">Passagem</a>   <a href="#">m-</a>   <a href="#">COLÉGI</a>		Fundado no final do século XIX, o Colégio Bom Jesus fez parte da história do Dona		

	<a href="#">Atual 4</a>   <a href="#">Atual 5</a>	<a href="#">O BOM</a> <a href="#">JESUS</a>		Nelza e de muitas outras crianças da elite de Florianópolis.		
	<a href="#">Clube 1</a>   <a href="#">Clube 2</a>   <a href="#">Clube 3</a>   <a href="#">Jornal</a>   <a href="#">Clube 4</a>	Ana	2'40" até 3'24"	A cidade vivia em volta dos clubes. Lá eles ofereciam, além dos momentos festivos, eles também ofereciam os cursos, academia, aulas de línguas, era tudo no clube, porque não tinham opções fora, nos bairros, em outras lugares. <del>[E todo mundo se encontrava no clube, né?]</del> E tinha a boate do Clube Doze que era nos sábados e terminava meia-noite E os grandes bailes, que eram marcantes, toda a sociedade ia.		[Imagens de 1 a 3] <b>Lira Tênis Clube</b>  [Jornal] <b>Jornal O Estado</b> 1958  [Imagem 4] <b>Clube Doze de Agosto</b>
	Vestido verde (vídeos <a href="#">1</a> e <a href="#">2</a> + ela com os vestidos) + <a href="#">vestido 1</a>   <a href="#">vestido 2</a>   <a href="#">vestido 3</a>   <a href="#">vestido 4</a>   <a href="#">vestido</a>	Olga	28'25" até 31'14"	O grande "tchan" da festa de debutante era o Clube Doze. Minha avó fez o vestido e meu vestido era todo de tomas. Então eu debutei no Clube Doze, debutei no Clube Lira, no Lira Tênis Clube, e debutei em mais um clube, mas foi um clube menor. E foi maravilhoso, é uma época que a gente sai muito, todo final de semana tinham	<b>Olga Mafra Huedepohl - Neta da Olga Mafra</b>	Usado por <b>Olga Mafra Huedepohl</b> Criado por <b>Olga Mafra</b>

	<p><a href="#">5</a>   <a href="#">vestido 6</a></p> <p>  <a href="#">vestido</a></p> <p><a href="#">7</a>   <a href="#">vestido 8</a></p>			<p>eventos, todo final de semana tinha que ter uma roupa diferente e aí a vó me ajudava né? Roupas mais chiquezinhas, mais arrumadas. As meninas se propunham a isso, né? A gente tinha toda uma orientação de tudo dentro do baile de debutante. A gente tinha aula de etiqueta, de como se comportar à mesa, de como andar. A gente tinha aulas, não era só ir lá e debutar, entendeu? Toda noite, toda noite não, uma vez por semana, estavam lá a diretoria do clube, a gente sentava, como é que faz com o negócio do do garfo, sabe? Como tomar o coquetel. Enfim, era para a gente, era como se fosse assim uma apresentação da moça à sociedade.</p>		
		Ana	4'54" até 5'12"	<p>A gente se encontrava, viajávamos juntas, era muito bacana e a família também ficava envolvida nesse evento. Era um evento tão grande pra cidade que ele era</p>	<p><b>Ana Luiza Pederneiras - Cliente do Galdino Lenzi</b></p>	

				transmitido ao vivo pela televisão.		
	<a href="#">Imagens do jornal destacando o o que está sendo lido (feita na casa da Ana)</a>	<a href="#">Loc_Loc atteli</a>		Ana Luiza, a menina moça, filha do médico Humberto Pederneiras e Sra. Dinéia, foi a primeira a se inscrever como debutante para o tradicional Baile Branco do Clube Doze, a realizar-se no dia 16 de agosto. Ana Luiza saiu-se muito bem em entrevista que concedeu ao programa Lázaro Bartolomeu, no Jornal do Meio-Dia, na TV Cultura. É nova geração que embeleza nossa passagem social.		
	<a href="#">Olga 1</a>   <a href="#">Olga 2</a>   <a href="#">Olga 3</a>   Imagens da Olga nos eventos de rainha	<a href="#">OFF 1</a>		Mesmo depois de participarem do baile de debutantes, essas meninas continuavam na mídia. Então, todos os anos, a diretoria do Clube escolhia a Rainha do Doze. Eram meninas que haviam sido debutantes há um ou dois anos e que eram consideradas bonitas, ou desvoltas e elas participavam do Baile Municipal de Carnaval e de outros eventos ligados ao clube.		Olga foi rainha do Clube Doze de Agosto em <b>1984</b>

	<p>Imagens da época</p> <p> </p> <p><a href="#">Vermelho 1</a>  </p> <p><a href="#">Vermelho 2</a>  </p> <p><a href="#">Vermelho 3</a></p>	Olga	11'47" + 13'52"	<p>O Clube Doze foi o clube que era "Uau, né?" Cada baile de debutantes em agosto eram mais de 100, 100, 125 meninas debutantes e a vó fazia muitos daqueles vestidos. E aí eu fui convidada para ser rainha do clube. E aí na época eu estava recém entrando na faculdade, aí, eu falei. "Ah, será que eu quero ser rainha do clube?". Ah, foi a festa, a vó e a mãe, "Ah, meu Deus, né?" Para elas ia ser assim a glória né? Então, foi uma época muito boa, foi um ano que eu fiquei rainha. E aí então tinha muitos eventos, tinham eventos onde eu acompanhava as debutantes, onde eu viajava, né? E isso então foi quando eu recebi a faixa, tava com um vestido vermelho e uma pala bordada muito linda, eu recebi e quando eu fui desfilando então e quando eu desfilei que a rainha desfilava antes da entrada das debutantes.</p>	<p><b>Olga Mafra</b>  <b>Huedepohl</b>  <b>- Neta da</b>  <b>Olga Mafra</b></p>	
--	--	------	-----------------	---	---	--

	<p>Imagens da época + <a href="#">Lilás 1</a>   <a href="#">Lilás 2</a>   <a href="#">Lilás 3</a></p>	<p>Olga</p>	<p>9'18" até 9'32" + 9'46" até 11'38"</p>	<p>Era um vestido rabo de peixe - aquele vestido que vem justo aqui e abra aqui, mas nada muito exagerado. [...] E eu me lembro que eu deixava, eu era assim... não vou dizer boazinha, mas eu "Ah, tá bom, deixa a vó" e aí quando eu me vi com aquilo eu falei meu Deus, parece que eu tô... parece 1950, sabe aquelas atrizes, de 1950. Eu falei "Ah, tudo bem, eu vou né?" Já tava pronto, né? E eu fui, desfilei o vestido lilás, sapato feito na mesma cor, né? Prendi o cabelo e fui e tal e de repente aquilo explodiu, de repente aquela moda veio. Quer dizer, como a vó via, ela sempre dizia "A moda é cíclica, aquilo vai e volta, olha os anos 90 das ombreiras". Era um tal da gente usar ombreira, usar ombreira... A minha avó dizia "estilo militar dos anos 40, da época da guerra". Então é aquilo cíclico, como é até hoje.</p>		
--	---	-------------	---	--	--	--

	Imagens da época + vestido atualmente e	Luciane	15'38" até 16'23"	<p>Eu nunca fui uma debutante, mas eu fui madrinha das debutantes com uma roupa linda assinada pelo Lenzi. Um vestido ombro a ombro, como eu gosto, e uma saia plissada e um cinto com laço change, diferente, uma proposta diferente. Eu até fiquei meio assim, ele disse "Usa que vai ser um sucesso!". Isso faz 32 anos e está aqui a saia, está aqui o cinto. Eu não me desapego. As festas eram muito lindas, as pessoas se vestiam muito bem e eu gostava muito de frequentar as festas Black Tie, que muito pouco existem hoje, né? Muitas delas promovidas pelo Zury Machado e depois pelo Moacir Benvenuti.</p>	<p><b>Luciane Fialho Daux</b> - Cliente do Galdino Lenzi</p>	
	<p><a href="#">Jornal</a> (lado esquerdo "Noite do Pierrot" + <a href="#">hotel 1</a></p>	<a href="#">Loc Loc atelli</a>		<p>Sobre o patrocínio da Exma. Senhora Dona Edith Gama Ramos, e organizada pelo cronista social Zury Machado, realizar-se-á no próximo dia 10, nos salões do Querência Palace Hotel, uma festa carnavalesca fadada ao maior sucesso,</p>		<p><b>Jornal O Estado</b> 07/02/1962</p>

				intitulada NOITE DO PIERROT, e que será em benefício da "Associação de Santa Catarina de Reabilitação.		
	<a href="#">Zury Machado</a>					<b>Zury Machado</b> Colunista social
	<a href="#">Vídeo 1</a> + <a href="#">Vídeo 2</a> + <a href="#">Catálogo Olga</a> + Catálogo de Brotos (imagens feitas na casa da Ana) + <a href="#">Jornal</a>	<a href="#">Loc Áureo</a>		Que a Divina Providência me dê sempre forças para continuar trabalhando pelo Baile Branco, que se sucede anualmente. Essa festa encerra, com chave de ouro, uma série de reuniões sociais e culturais que para vocês, é um sonho. Desejo às oitenta e quatro lindas jovens que hoje são apresentadas à alta sociedade um mundo de felicidade.		
		Olga	17'24" até 19'01"	Tinha o Catálogo Brotos, tinha as Doze Mais, tinha várias situações que eles buscavam até para ter esse entretenimento social que seria hoje o Instagram, entende? Era a coluna do Zury Machado. Então era chique, era uau, né? Quando eu casei, meu casamento todo lá, na coluna. As minhas amigas, a	<b>Olga Mafra Huedepohl</b> - <b>Neta da Olga Mafra</b>	

				<p>gente tinha um livro que mostrava as nossas fotos, né? E eram fotos sem muita produção. Na época, era como a gente era, natural, não tinha muita maquiagem, nada. A gente ia lá e fazia as poses bonitinhas, fazia as poses assim, assim... E aquilo era o máximo só porque a gente saía impressa na revista das Doze Mais.</p>		
		Olga	19'09" até 19'30"	<p>E isso era bom, porquer quer queira, quer não, a gente conheciam as meninas, fazia parte de uma sociedade que se encontrava nos salões.</p>		
	<a href="#">Fotos dos jornais que estão sendo lidos</a>	<a href="#">Loc. Áureo</a>		<p>Claro que o assunto de hoje, em rodas sociais, é o esperado "Catálogo de Brotos". Selecionamos lindas jovens de nossa sociedade, o que não foi muito fácil, para esta promoção.</p>		
	<a href="#">(feitas na casa da Ana)</a>	<a href="#">Loc. Áureo</a>		<p>Durante o chá foram também escolhidas as Doze do Doze. Apenas as debutantes presentes concorreram e elas mesmas votaram, apontando as que</p>		

				<p>mais se destacaram. A apuração foi feita por Ana Luiza Maia Pederneiras, escolhida pela Diretoria para representar as debutantes e que, portanto, não concorreu.</p>		
	<p>Jornal do clube em que mostra a Ana, Olga e Cláudia (imagem feita na casa da Ana)</p>	<p><a href="#">Loc. Áureo</a></p>		<p>Terezinha Vivienne, [...], recebeu na loja da Rua Felipe Schmidt, as lindas jovens que compõem o “Catálogo de Brotos do ano 80”. [...] Na mesma tarde, apesar de toda chuva, os Brotos visitaram o Hospital Infantil Joana de Gusmão, levando presentes às crianças.</p>		
	<p><a href="#">Imagem deste trecho no jornal (feita na casa da Ana)</a></p>	<p><a href="#">Loc. Áureo</a></p>		<p>Ana Luiza foi a primeira menina a se inscrever para o 108º Baile Branco do Clube Doze.</p> <p>Ana explica que como faz ginástica no Clube e sempre chega em torno de 7.15 horas, no dia 02 chegou um pouco mais cedo, mas para ela o importante não é o número de inscrição, mas o <i>debut</i> em si.</p> <p>Ana Luiza Maia Pederneiras, [...], vem seguindo uma tradição de família: sua mãe</p>		

				foi debutante do Doze, sua irmã, e agora é a vez dela que está felicíssima e acha que vai sentir a mesma emoção ao descer as escadas em seu primeiro vestido de gala, que será assinado por Lenzi.		
	Fotos da Ana com roupas de debutante   <a href="#">Jornal que fala do Lenzi</a> ]	Ana	5'29" até 6'01"	Fazer os vestidos de grandes datas com o Lenzi era tradicional. E eu me lembro que ele, por conhecer a família, ele já sabia mais ou menos o jeito que cada uma, né? O gosto de cada uma. E na época que eu fiz, que eu debutei era muito de flores e eu disse para ele que eu queria algo diferente. Aí ele sugeriu canutilhos no vestido e é um modelo bem atemporal, bem clássico, muito bacana.	<b>Ana Luiza Pederneiras - Cliente do Galdino Lenzi</b>	[Jornal] <b>Jornal O Estado</b> 12/08/1972
		Carol	9'56" até 10'14"	Você sabia o DNA dele, estava impresso na roupa. Mas ao mesmo tempo você nunca via uma pessoa com uma roupa parecida com a outra, as pessoas mesmo que fossem uma festa que ele tivesse feito, sei lá 10 vestidos, não ia ter nada a ver um com o outro. Então	<b>Carolina Grieco - Sobrinha-neta do Galdino Lenzi</b>	

				tinha esse DNA, porém dava também a exclusividade.		
	<a href="#">Imagens da Av. Rio Branco</a>	<a href="#">Passagem - Lenzi</a>		Foi aqui no número 241 da Avenida Rio Branco, que o Lenzi colocou no papel o sonho de muitas de suas clientes.		
						[Jornal] <b>Jornal O Estado</b> 31/03/1976
	<a href="#">Jornal</a> (do lado esquerdo, embaixo da bola preta)   <a href="#">Lenzi 1</a>   <a href="#">Lenzi 2</a>   <a href="#">Lenzi 3</a>	Beirão	10'06" até 10'32"	A partir dos anos 60, surge o grande mestre da moda, que é o Galdino Lenzi que, no início, ele trabalhava com alfaiataria e ternos para homens, né? E a partir do momento que ele começa a fazer ternos para as mulheres, costumes, <i>tailleurs</i> para as mulheres, ele começa a ter uma grande clientela e se torna o grande mestre da costura de Santa Catarina.	<b>José Alfredo Beirão Filho</b> - Fundador da Modateca	
		Carol	28'09" até 28'31"	A casa e o atelier dele era na Avenida Rio Branco, [ <del>há embaixo ali perto onde tem a Havan</del> ] e no primeiro andar da casa era o atelier onde ele atendia as clientes, onde ele recebia, conversava, fazia as provas. Depois tinha uma... atrás	<b>Carolina Grieco - Sobrinha-neta do Galdino Lenzi</b>	

				que era a sala onde costurava, onde ele e as pessoas que trabalhavam com ele faziam a costura em si.		
		Cláudia	5'53" até 6'08"	Eu me lembro de muitas vezes de estar no atelier dele aqui na Avenida Rio Branco e virem mulheres de outras cidades do Estado para costurar com ele. Eu me lembro que ele ganhou um prêmio da Agulha de Ouro em São Paulo, que mamãe foi até lá prestigiá-lo.	<b>Cláudia Salles - Cliente do Galdino Lenzi</b>	
	<a href="#">Foto</a>	Cláudia	3'09" até 3'49"	Ele não só era só um profissional, como ele era um amigo que frequentava a nossa casa. Nós temos muitas histórias juntos e ele era um amigo pessoal da minha mãe, né? Imagina, uma mulher bonita, com um corpo maravilhoso, muito vaidosa, com o marido que valorizava a vaidade feminina, acho difícil um estilista não se encantar, né? Ele dizia... ele tinha um molde, um manequim lá, que ele botou		Da esquerda para direita Clotilde Gonzaga, <b>Vanda Salles</b> , Heloisa Cruz Lima, Lélia D'Acampora, <b>Ruth Lenzi</b> , <b>Galdino Lenzi</b> , Zeca D'Acampora e Maria Odete Bonato

				o nome, Vanda, que era o corpo da minha mãe.		
	<a href="#">Roupa 1</a>   <a href="#">Roupa 2</a>   <a href="#">Roupa 3</a>	Carol	6'16" até 6'25" + 6'38" até 7'05"	Ele fez muitas roupas para a família Salles. Eu ousou dizer que eu acho que uma das pessoas que ele mais costurou em toda a vida foi a dona Vanda Salles. + Era bem o estilo dele, ele gostava muito de costurar pra dona Vanda, porque ela sempre foi esguia, sempre teve uma, mesmo mais senhora, sempre teve um corpo assim uma postura bonita, sempre foi uma mulher com medidas boas assim e ele gostava demais de costurar para ela não só por ser amiga, mas também por esse outro lado que ela tinha esse essas medidas, como ele diz.	<b>Carolina Grieco - Sobrinha-neta do Galdino Lenzi</b>	[fotos do vestido da Modateca] Usado por <b>Vanda Salles</b> Criado por <b>Galdino Lenzi</b>
	<a href="#">Jornal que menciona a família Salles e, em seguida, a família Daux (página inicial até</a>	<a href="#">Loc Áureo</a>		SALLES O casal Waldemar Salles acaba de adquirir uma belíssima tela de Dircéa Binder, exposta no salão nobre da Assembleia Legislativa.  NO MANOLO'S		[Jornal] <b>Jornal O Estado</b> 27/11/1973

	<a href="#">focar nas duas notas</a>			Os casais Tereza e Luiz Daux, [...], Ruth e Galdino Lenzi, Terezinha e Miguel Daux, [...] foram vistos jantando no Manolo's. As sras. muito elegantes usavam vestidos longos. Os cavalheiros com roupa escura, colete, casaco com lapelas largas, colarinhos altos e gravatas lisas.		
--	--------------------------------------	--	--	--	--	--

	<p><a href="#">Jornal do aniversári</a> <a href="#">o da Cláudia</a> (foco na foto dela e depois no trecho "Cláudia")   Daux + Lenzi ( <a href="#">aqui</a>   <a href="#">aqui</a>   <a href="#">aqui</a>   <a href="#">aqui</a>   <a href="#">Jornal</a> (foto central + legenda)   <a href="#">Jornal</a> (primeira notícia do "Acontecimentos sociais"   <a href="#">Jornal</a> ("A elegante senhora Tereza Fialho Daux foi vista..." )</p>	<p><a href="#">OFF 1</a></p>		<p>Essas famílias eram como um entretenimento para a sociedade. Suas vidas eram uma fonte de entretenimento. Então eles estavam a todo momento nas colunas sociais, como a coluna escrita pelo Zury Machado. Ali era falado sobre aquisições feitas pelas famílias, jantares cedidos a amigos, lugares que frequentavam, eventos importantes, como casamentos e aniversários, e tudo que pudesse ser de interesse das pessoas. Algo similar ao que acontece hoje. As pessoas consomem este tipo de conteúdo só que agora na internet, com influenciadores, criadores de conteúdo e até artistas que expõem suas vidas nas redes.</p>		<p>[Aniversário Cláudia] <b>Jornal O Estado</b> 31/07/1973</p> <p>[Foto 1 - revista na mão] Da esquerda para direita <b>Galdino Lenzi,</b> <b>Miguel Daux,</b> <b>Teresinha</b> <b>Gonzaga Daux e</b> <b>Rita Gonzaga</b> <b>Daux</b></p> <p>[Foto 2] Encontro entre amigos na casa de Luiz Elias Daux e Tereza Leopoldina Fialho Daux, pais da Luciane</p> <p>[Lu e Lenzi] Foto tirada em um encontro ocasional na Kotzias Tecidos - loja favorita de Lenzi</p>
--	--	------------------------------	--	--	--	--

						<p>[Foto Zury + mulher de laranja]</p> <p>Teresinha Gonzaga Daux e Zury Machado em lanche de debutantes em 1990</p> <p>[Jornal - amizade com o Lenzi]</p> <p>Jornal <b>O Estado</b> 31/01/1973</p> <p>[Jornal - casamento dos pais da LU]</p> <p>Jornal <b>O Estado</b> 11/09/1960</p> <p>[Jornal - loja A Modelar]</p> <p>Jornal <b>O Estado</b> 11/09/1975</p>
		Carol	5'26" até 5'58"	O Lenzi fez muitas roupas para a família Daux, começando pela Dona Tereza, que era a mãe da Lu Daux, muito minha amiga, e que ele adorava assim costurar, porque era uma	<b>Carolina Grieco - Sobrinha-neta do Galdino Lenzi</b>	

				<p>pessoa muito chique, que sabia levar a roupa. E ele começou fazendo pra mãe, depois fez para as filhas também e a minha amizade com a Lu Daux começou quando eu devia ter sei lá uns 5 anos que a minha tia foi assistente do pai dela.</p>		
		Luciane	<p>8'55" até 8'58" + 11'04" até 11'23"</p>	<p>As minhas roupas foram feitas todas pelo Lenzi, enquanto ele estava vivo. + Era muito fácil fazer roupa com ele, muito divertido também ir no atelier do Lenzi. Ele sentava, botava cigarro na boca e fazia assim, assim, um minuto meu vestido tava pronto, desenhado, com pequenos ajustes, era aquele vestido. Muito pouco eu mexia, eu interferia no que ele tava propondo.</p>	<p><b>Luciane Fialho Daux</b> - Cliente do Galdino Lenzi</p>	

	<p>Festa de casamento + Carol com o tio Galdino + vídeo de detalhes do vestido (todas feitas na casa da Carol)</p>	<p>Carol</p>	<p>23'31" até 24'09" + 25'15" até 26'04"</p>	<p>Quando eu fui me casar, eu eu sempre gostei, e continuo gostando muito da cor verde, e eu queria fazer um vestido de noiva verde, mas eu não queria fazer nada para chocar, nem para usar, só porque eu realmente gostava muito da cor e daí ele falou para mim "Ah, se você quiser, a gente pode fazer", porque ele sempre foi muito aberto a tudo, mas não era meu intuito esse. Eu queria realmente uma roupa bonita, mas como ele viu que eu queria muito esse toque do verde, ele fala então "por que a gente não faz uma renda, numa cor que não precisa ser tão branca, e não fazemos esse forro verde?". Na mesma hora eu aceitei a ideia dele.</p> <p>+ Depois que a gente chegou à conclusão que o forro seria verde, "Posso fazer um vestido bem bonito para você?", eu falei "Pode!". Eu não vi nada, foi totalmente surpresa.</p> <p>Quando eu vim fazer a</p>		<p>[fotos do casamento] 20/10/1996</p>
--	--	--------------	--	--	--	--

				<p>primeira prova, nossa não podia ter tido... eu não mudei nada, eu amei e eu não dei nenhum palpite. Ele fez tudo da cabeça. Claro, ele me conhecia desde que eu tinha nascido, sabia bem como era meu gosto. Então ele deixava o colo um pouco à mostra, mas não era um decote. Então era uma coisa assim... foi super pro dia. Eu falei pra ele que eu queria aproveitar a minha festa de casamento, que eu queria uma coisa confortável, então foi um vestido lindo, confortável a minha cara, e eu não mudei nada, eu não dei opinião nenhuma. Ele criou o vestido 100% como ele achou que ele deveria ser. E foi perfeito!</p>		
	<p><a href="#">Imagens do jornal em que fala do casamento da Ana</a> (feitas na casa da Ana) + <a href="#">aqui</a>  </p>	<p><a href="#">Loc. Áureo</a></p>		<p>Hoje às 11 horas na Capela do Colégio Catarinense, será realizada a cerimônia do casamento de Ana Luiza Pederneiras e Henrique José Ballstaedt.</p>		

	<a href="#">aqui</a>   <a href="#">aqui</a>					
	Imagens da festa de casamento (feita na casa dela)	Ana	6'25" até 6'28" + 6'32" até 6'34" + 6'40" até 7'06'	Eu casei de manhã, [ <del>então foi um almoço ao meio-dia</del> ] e na época, foi em 86, estava saindo aquele estilo bem formal, estruturado, 70, 80, com muito brocado, já era uma linha mais romântica, com flores. Era um contraponto aquela fase de exagero. Um vestido romântico que era feito para um casamento de manhã.	<b>Ana Luiza Pederneiras - Cliente do Galdino Lenzi</b>	[fotos do casamento] 16/10/1986
	Fotos do casamento da irmã da Ana (feitas na casa da Ana) + roupas da Modateca ( <a href="#">aqui</a>   <a href="#">aqui</a>   <a href="#">aqui</a>   <a href="#">aqui</a>   <a href="#">aqui</a>   <a href="#">aqui</a> )	Ana	7'22" até 7'32" + 7'51" até 8'04"	Já da minha irmã, já foi na época dos anos 90, [ <del>que também fazia um contraponto, com</del> ] uma modelagem mais reta. + O vestido ele sempre acompanha o momento normalmente ele leva além dos desejo de quem veste, mas os vestidos ele acompanha sempre a época que nós vivemos.		[fotos do vestido da Modateca] Usado por <b>Marina Maia Pederneiras</b> Criado por <b>Galdino Lenzi</b>
		Luciane	14'09" até 14"11	O meu vestido de casamento foi extremamente simples.		

	<p>Imagens do vestido + casamento + foto com o Lenzi no casamento (feitas durante a entrevista)</p>	Luciane	<p>12'30" até 12'40" + 14'26" até 15'06"</p>	<p>Muito clean, todo liso na frente, branco em cetim-seda atrás um decote bem profundo finalizado com um laço, que era uma marca do Lenzi, e flores. + Mas tem uma memória do meu casamento com o Lenzi que eu sempre rio muito quando lembro que o Lenzi era muito amigo do meu pai, muito amigo, e eu casei em Águas Mornas, no Hotel que nós tínhamos e o Lenzi fez a delicadeza de ir me vestir para o meu casamento. E meu pai veio junto na suíte que nós estávamos e pediu um whisky com gelo para nós três e a garrafa. Foi muito divertido, porque eu vou falar assim, que muito pouco eu lembro como é que eu entrei na igreja, nesse casamento, eu tava bem alegriinha, mas ficou muito divertido. Não tinha a intenção de um pré-casamento. Eu não fui uma noiva nervosa, porque o Lenzi e o meu pai não deixaram. Claro que o</p>	<p><b>Luciane Fialho Daux</b> - Cliente do Galdino Lenzi</p>	<p>[fotos do casamento] 05/05/1990</p>
--	---	---------	--	--	--	--

				copinho de Whisky ajudou bastante.		
	<p><a href="#">Lenzi e Zury</a>   <a href="#">Jornal 1</a> (canto inferior direito)   <a href="#">Jornal 2</a> (lado direito)   <a href="#">Jornal 3</a> (primeira nota dada pelo Zury)   <a href="#">Jornal 4</a> (destaque no título e depois no nome do Lenzi no canto inferior esquerdo)</p>	<a href="#">OFF 2</a>		<p>O Lenzi era uma personalidade da sociedade. Mais que um costureiro, ele tornou-se amigo das clientes e isso impulsionou seu talento para além da ilha. Então ele estava presente nos principais eventos e, junto como o Zury, era o responsável por ditar a elegância na Florianópolis de 60, 70, 80. Ele saía recorrentemente nos jornais, não só nas colunas sociais, mas também opinando sobre moda, sobre luxo, sobre o crescimento do prêt-à-porter, por exemplo. E seu reconhecimento se deu muito também pelas suas marcas registradas, como a etiqueta que ele colocava nas peças. Isso era algo que não se costumava fazer na Alta Costura brasileira e que ele foi um dos pioneiros.</p>		<p>[primeira foto] <b>Zury Machado e Galdino Lenzi</b></p> <p>[Jornal 1 - pret-a porter] Jornal <b>O Estado</b> 27/06/1973</p> <p>[Jornal 2 - Lenzi vira notícia] Jornal <b>O Estado</b> 20/04/1969</p> <p>[Jornal 3 - relevância nacional] Jornal <b>O Estado</b> 13/05/1970</p> <p>[Jornal 4 - relevância nacional 2] Jornal <b>O Estado</b> 17/05/1970</p>

<p><a href="#">Etiqueta</a>   <a href="#">Etiqueta</a>   <a href="#">Um</a>   <a href="#">Dois</a>   <a href="#">Três</a>   <a href="#">Quatro</a>   <a href="#">Cinco</a>   <a href="#">Seis</a>   <a href="#">Sete</a>   Foto que mostre esse botão que ela comenta (feita durante a entrevista )</p>	Carol	4'12" até 4'27" + 4'33" até 4'47"	Os laços eram uma marca registrada dele, não tinha um vestido, dificilmente um vestido, que não tivesse um laço, mas era um laço diferente, era um laço estruturado, era um laço meio com quê de Chanel, mas que era o laço dele. + E, às vezes, até para o laço ficar bem colocado no local, ele colocava um pequeno botãozinho pra deixar o laço bem no lugar e, muitas vezes, também os laços eram pespontados. Então os botõezinhos e os laços, eu acho que era muito uma marca registrada dele.		
<p><a href="#">Um</a>   <a href="#">Dois</a></p>	Carol	21'32" até 22'	Ele fazia também muito bem, tipo uns terninhos que eram com calça ou com saia e o casaquinho sempre assim com muito pespontos. Os pespontos dele, eu acho que também era uma coisa muito dele mesmo e ele também gostava bastante, porque ele tinha aquela... o caimento dele era muito impecável. Então não só pra uma roupa super chique de festa, de casamento, como	<p><b>Carolina Grieco - Sobrinha-neta do Galdino Lenzi</b></p>	<p>[roupa com a saia] Usado por <b>Mara Cherem</b> Criado por <b>Galdino Lenzi</b></p> <p>[roupa dourada] Usado por <b>Regina Kenji Iriê</b> Criado por <b>Galdino Lenzi</b></p>

				também para essa roupa que dava para ser usada mais no dia a dia.		
		Claúdia	10'45" até 10'57"	Essa peça ela tem muitos anos, muitos, e ela está perfeita. Porque o material também usado, a mamãe trouxe de fora, e ele soube aproveitar.	<b>Cláudia Salles - Cliente do Galdino Lenzi</b>	
	Detalhas do blazer preto da D. Vanda (feitas durante a entrevista )	Claúdia	11'12" até 11'19"	Então tá aqui para vocês entenderem o que é uma estilista genial.		
	<a href="#">Roupa 1</a>   <a href="#">Roupa 2</a>   <a href="#">Roupa 3</a>   <a href="#">Roupa 4</a>   <a href="#">Roupa 5</a>   <a href="#">Roupa 6</a>   <a href="#">Roupa 7</a>   <a href="#">Roupa 8</a>   <a href="#">Roupa 9</a>   <a href="#">Roupa 10</a>   <a href="#">Cidade 1</a>   <a href="#">Cidade 2</a>   <a href="#">Cidade 3</a>     <a href="#">Pescador 1</a>	<a href="#">FF 1</a>		Por trás de cada corte, aviamento, costura, modelagem... por trás de cada peça de roupa, temos a história de diversas pessoas, de muitas famílias, de toda uma cidade. “ <b>As costureiras, as boutiques, os chás beneficentes, as soirées</b> do Lira e do Clube 12, os <b>casamentos</b> badalados dos grã-finos e toda a infinidade de <b>festas</b> [...] foram as ferramentas de construção deste <b>sonho de</b>	Nessa passagem, o que está entre aspas peguei no livro do Beirão, colocar a referência.  <b>Texto por Mara Rúbia Sant'Anna</b>	

<p><a href="#">Pescador</a> 2   <a href="#">Modateca</a> 1   <a href="#">Modateca</a> 2   <a href="#">Galdino Lenzi</a>   Olga Mafra (feitas na casa da Olga)</p>				<p><b>modernidade</b>, desta transformação da Florianópolis de pescadores [...] e donas de casa numa <b>cidade de homens e mulheres da Moda</b>". Sejam peças feitas pelas mãos de Galdino Lenzi, Olga Mafra e tantos outros costureiros, o que fica, além de história, é o reconhecimento de quem marcou uma era na capital catarinense...</p>		
		Olga	5'03" até 45'22' + 46'12" até 46'42"	<p>Até hoje as pessoas reconhecem quando vê "Ah, Olga!". "Ah, tu és Olga Mafra, tu és neta da Olga Mafra!". Isso é uma coisa que me deixa muito feliz. + E aí então, em homenagem a ela, por isso o meu nome, né? E ela era Olga Mafra, eu fiquei Olga Mafra Huedepohl, então ficou uma coisa muito parecida e eu tenho muito orgulho de ter o nome da minha vó.</p>	<p><b>Olga Mafra Huedepohl - Neta da Olga Mafra</b></p>	
<p style="text-align: center;">COSTURANDO HISTÓRIAS Moda e memória na capital catarinense  Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo Universidade Federal de Santa Catarina</p>						

Direção e roteiro  
ANA LUÍSA ANTONIOLI

Orientação  
FLÁVIA GARCIA GUIDOTTI

Narradores  
ANA LUÍSA ANTONIOLI  
ÁUREO MAFRA DE MORAES, encenação do texto de Zury Machado  
CARLOS AUGUSTO LOCATELLI, encenação do texto das colunas sociais

Câmera  
ANA LUÍSA ANTONIOLI  
BRUNO CESCA CREPALDI

Edição  
BRUNO CESCA CREPALDI  
ANA LUÍSA ANTONIOLI

Trilha Sonora  
Bluming  
DANIHADANI

Air on the G String  
CARMEL QUARTET

Cello Suite No1 in G Major BWV 1007 - I Prelude  
YOED NIR

Arquivos  
MODATECA

ARQUIVO PESSOAL DOS ENTREVISTADOS

CASA DA MEMÓRIA DE FLORIANÓPOLIS  
SETOR DE COLEÇÕES ESPECIAIS DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - ILHA DE SANTA CATARINA (CEAV 981.640.6 F635)

ARQUIVO PÚBLICO DE SANTA CATARINA

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL

MARCOS CARDOSO, Divulgação | ND

O PREÇO DA ILUSÃO, de Nilton Nascimento

A PRINCESA E O PLEBEU, de William Wyler

LIVRO REMODELANDO CORPOS, de José Alfredo Beirão Filho

Elenco

ANA LUIZA MAIA PEDERNEIRAS BALLSTAEDT

CLÁUDIA FERMÍNIA DE SOUZA SALLES

JOSÉ ALFREDO BEIRÃO FILHO

LUCIANE FIALHO DAUX

MARIA CAROLINA DE MIRANDA GRIECO

NELZA MAFRA HUEDEPOHL

OLGA MAFRA HUEDEPOHL

Um agradecimento especial à MAURILHA LOPES FERRAZ DE SOUZA, minha avó, por ser exemplo de luta, força e garra. Por ser uma de tantas costureiras, lavadeiras e passadeiras que fazem a história deste país na sua luta diária pela sobrevivência.

Fevereiro, 2025

## **ANEXOS**

### **ANEXO A – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE**

Eu, Ana Luísa Rodrigues de Souza Antonioli, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 20202204, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Costurando Histórias: moda e memória na capital catarinense é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 03 de março de 2025

---

Assinatura

## ANEXO B – FICHA DE TCC

<b>FICHA DO TCC</b>	<b>Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC</b>		
<b>ANO</b>	2025		
<b>ALUNA</b>	Ana Luísa Rodrigues de Souza Antonioli		
<b>TÍTULO</b>	Costurando Histórias Moda e memória na capital catarinense		
<b>ORIENTADORA</b>	Flávia Garcia Guidotti		
<b>MÍDIA</b>	<input type="checkbox"/>	<b>Impresso</b>	
	<input type="checkbox"/>	<b>Rádio</b>	
	<input checked="" type="checkbox"/>	<b>TV/Vídeo</b>	
	<input type="checkbox"/>	<b>Foto</b>	
	<input type="checkbox"/>	<b>Website</b>	
	<input type="checkbox"/>	<b>Multimídia</b>	
<b>CATEGORIA</b>	<input type="checkbox"/>	<b>Pesquisa Científica</b>	
	<input type="checkbox"/>	<b>Produto Comunicacional</b>	
	<input type="checkbox"/>	<b>Produto Institucional (assessoria de imprensa)</b>	
	<input checked="" type="checkbox"/>	<b>Produto Jornalístico (inteiro)</b>	<b>Local da apuração:</b> ( ) Florianópolis ( ) Brasil (X) Santa Catarina ( ) Internacional ( ) Região Sul <b>País:</b> _____
	<input type="checkbox"/>	<b>Reportagem livro-reportagem</b>	
<b>ÁREAS</b>	Jornalismo sobre Moda; Documentário Jornalístico; História da moda em Florianópolis; Modateca.		
<b>RESUMO</b>	Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda a relação entre a moda e o contexto social-político-econômico na segunda metade do século XX, em Florianópolis, com foco na modernização da capital. Em formato de documentário, ele		

	<p>mostra, a partir das vestimentas do acervo da Modateca - Projeto de Extensão Permanente da Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc) - e das histórias de familiares, clientes e amigos dos costureiros Olga Mafra e Galdino Lenzi, como viviam as pessoas neste período, relacionando vivências pessoais, histórias familiares e o contexto histórico brasileiro e mundial. Além disso, valoriza a moda brasileira e conscientiza a comunidade sobre a importância da memória material para o estudo e entendimento da história. O documentário foi feito em formato participativo com narrador em off e passagens, tendo, ao todo, quarenta e cinco minutos.</p>
--	---

## ANEXO C – TERMO DE EMPRÉSTIMO E RESPONSABILIDADE (DMO)



## TERMO DE EMPRÉSTIMO E RESPONSABILIDADE (DMO)

Eu, **ANA LUÍSA RODRIGUES DE SOUZA ANTONIOLI**, CPF [REDACTED] solicito o empréstimo do(s) seguinte(s) equipamento(s)/material(is):

( ) Arara. Quantidade: 1

( ) Busto. Quantidade: 2

(X ) Outro: Peças da Modateca: Vestido de Cocktail (**MDT 1950 - 01**); Vestido de Noiva (**MDT 1990 - 29**); Vestido de festa (**MDT 1980 - 36**); Vestido de Noiva (**MDT 1960 - 09**); Vestido de festa (**MDT 1960 - 39**); Manteu (**MDT 1970 - 27**); Vestido de festa (**MDT 1970 - 47**); Vestido de festa (**MDT 1980 - 21**); Vestido de festa (**MDT 1980 - 33**); Conjunto de cocktail (**MDT 1960 - 15**); Vestido de festa (**MDT 1970 - 48**); Vestido de festa (**MDT 1980 - 17**); Vestido de festa (**MDT 1980 - 13**); Vestido de festa (**MDT 1970 - 10**); Conjunto de festa (**MDT 1980 - 01**); Vestido de festa (**MDT 1980 - 05**); Vestido de festa (**MDT 1990 - 06**); Conjunto tailleur (**MDT 1980 - 09**); Conjunto de festa (**MDT 1980 - 40**); Vestido de festa (**MDT 1990 - 13**); Vestido de festa (**MDT 1990 - 17**); Vestido de cocktail (**MDT 1950 - 07**); Vestido de cocktail (**MDT 1950 - 08**); Vestido de passelo (**MDT 1950 - 12**); Vestido de festa (**MDT 1980 - 25**); Vestido de festa (**MDT 1980 - 28**).

Este material/equipamento pertence ao (Departamento de Moda) e será retirado no dia 17/09/2024 e devolvido dia 18/09/2024, para ser utilizado para uma sessão de fotos para o Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina da solicitante, no estúdio de fotografia do CEART.

**Observação:** Qualquer dano constatado no material será ressarcido/reposto ao CEART/UDESC pelo solicitante.



Documento assinado digitalmente  
**ANA LUÍSA RODRIGUES DE SOUZA ANTONIOLI**  
 Data: 13/09/2024 16:21:49 -0300  
 CPF: \*\*\*.818.548-\*\*  
 Verifique as assinaturas em <https://suaufc.br>

Assinatura

Florianópolis (SC), 13 de setembro de 2024.



Contato: Fone [REDACTED] Mail [alrs.antonioli@gmail.com](mailto:alrs.antonioli@gmail.com)

---

Autorização:  Sim  Não

---

Finalizado:  Sim  Não

---

## ANEXO D – DECLARAÇÃO DE USO DE IMAGEM

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Claudia F. de S. Salles,  
nascido (a) em Florianópolis - SC, portador (a) da Cédula de Identidade RG nº  
[REDACTED] e do CPF nº [REDACTED],  
com base na Lei que regula os direitos autorais nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998,  
AUTORIZO a veiculação de minha imagem no Trabalho de Conclusão do Curso de  
Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, realizado pela acadêmica Ana Luísa  
Rodrigues de Souza Antonioli, orientado pela professora Flávia Garcia Guidotti.

Estou ciente quanto ao teor do referido trabalho e manifesto meu livre consentimento  
em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou  
a pagar, por minha participação. A autorização do uso de imagem é feita a título gratuito,  
universal e total.

Florianópolis, 14 de setembro de 2024.

Claudia Salles  
Nome e assinatura do(a) participante do trabalho

**Claudia F. de S. Salles**  
Psicóloga  
CRP-12/09703  
CPF 714.832.769-53  
Rua Jairo Callado, 161 - Centro

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Anakuiç Maria Federeiras Baltstedt,  
nascido(a) em 10/08/1965, portador(a) da Cédula de Identidade RG nº [REDACTED]  
e do CPF nº [REDACTED],  
com base na Lei que regula os direitos autorais nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998,  
AUTORIZO a veiculação de minha imagem no Trabalho de Conclusão do Curso de  
Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, realizado pela acadêmica Ana Luísa  
Rodrigues de Souza Antonioli, orientado pela professora Flávia Garcia Guidotti.

Estou ciente quanto ao teor do referido trabalho e manifesto meu livre consentimento  
em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou  
a pagar, por minha participação. A autorização do uso de imagem é feita a título gratuito,  
universal e total.

Florianópolis, 14 de setembro de 2024.

Anakuiç M. F. Baltstedt  
Nome e assinatura do(a) participante do trabalho  
Anakuiç Maria Federeiras Baltstedt,

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, M. CAROLINA DE MIRANDA GRIECO,  
nascido (a) em SÃO PAULO, portador (a) da Cédula de Identidade RG nº  
[REDACTED] e do CPF nº [REDACTED],  
com base na Lei que regula os direitos autorais nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998,  
AUTORIZO a veiculação de minha imagem no Trabalho de Conclusão do Curso de  
Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, realizado pela acadêmica Ana Luísa  
Rodrigues de Souza Antonioli, orientado pela professora Flávia Garcia Guidotti.

Estou ciente quanto ao teor do referido trabalho e manifesto meu livre consentimento  
em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou  
a pagar, por minha participação. A autorização do uso de imagem é feita a título gratuito,  
universal e total.

Florianópolis, 14 de setembro de 2024.

M. Carolina de Miranda Grieco

Nome e assinatura do(a) participante do trabalho

MARIA CAROLINA DE MIRANDA GRIECO

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Jose Alfredo Benas Filho,  
nascido(a) em Picuíma, portador (a) da Cédula de Identidade RG nº [REDACTED]  
e do CPF nº [REDACTED]

com base na Lei que regula os direitos autorais nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO a veiculação de minha imagem no Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, realizado pela acadêmica Ana Luísa Rodrigues de Souza Antonioli, orientado pela professora Flávia Garcia Guidotti.

Estou ciente quanto ao teor do referido trabalho e manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. A autorização do uso de imagem é feita a título gratuito, universal e total.

Florianópolis, 20 de setembro de 2024.

[Assinatura]  
Nome e assinatura do(a) participante do trabalho

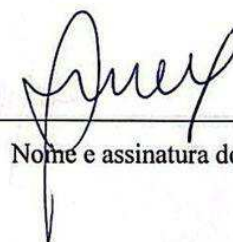
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Luciane Falho Daux,  
nascido(a) em Florianópolis - SC, portador(a) da Cédula de Identidade RG nº [REDACTED]  
e do CPF nº [REDACTED],

com base na Lei que regula os direitos autorais nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO a veiculação de minha imagem no Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, realizado pela acadêmica Ana Luísa Rodrigues de Souza Antonioli, orientado pela professora Flávia Garcia Guidotti.

Estou ciente quanto ao teor do referido trabalho e manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. A autorização do uso de imagem é feita a título gratuito, universal e total.

Florianópolis, 21 de setembro de 2024.



Nome e assinatura do(a) participante do trabalho

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Olga Maria Steudel,  
nascido(a) em Florianópolis, portador(a) da Cédula de Identidade RG nº  
[REDACTED] e do CPF nº [REDACTED],

com base na Lei que regula os direitos autorais nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO a veiculação de minha imagem no Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, realizado pela acadêmica Ana Luísa Rodrigues de Souza Antonioli, orientado pela professora Flávia Garcia Guidotti.

Estou ciente quanto ao teor do referido trabalho e manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. A autorização do uso de imagem é feita a título gratuito, universal e total.

Florianópolis, 21 de setembro de 2024.

[Assinatura] Olga Steudel  
Nome e assinatura do(a) participante do trabalho

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Nelsa Maria Hue de Paula,  
nascido (a) em Itajaí SC, portador (a) da Cédula de Identidade RG nº  
\_\_\_\_\_ e do CPF nº \_\_\_\_\_

com base na Lei que regula os direitos autorais nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998,  
AUTORIZO a veiculação de minha imagem no Trabalho de Conclusão do Curso de  
Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, realizado pela acadêmica Ana Luísa  
Rodrigues de Souza Antonioli, orientado pela professora Flávia Garcia Guidotti.

Estou ciente quanto ao teor do referido trabalho e manifesto meu livre consentimento  
em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou  
a pagar, por minha participação. A autorização do uso de imagem é feita a título gratuito,  
universal e total.

Florianópolis, 21 de setembro de 2024.

Nelsa Maria Hue de Paula  
Nome e assinatura do(a) participante do trabalho

## ANEXO E – DECLARAÇÃO DE PESQUISA EM ACERVO ICONOGRÁFICO



**TERMO DE COMPROMISSO PARA UTILIZAÇÃO DO ACERVO DO  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA - CASA DA MEMÓRIA DE  
FLORIANÓPOLIS**

Declaro estar ciente que todo acervo consultado na Casa da Memória/Centro de Documentação e Pesquisa / FCFCC, deverá obrigatoriamente constar a fonte consultada.

Florianópolis, 01 de 11 de 2024.

Nome Completo: <u>Ana Luísa Rodrigues de Souza Antoniolli</u>	
Fone: [REDACTED]	CPF: [REDACTED]
Endereço: [REDACTED]	
Bairro: [REDACTED]	Cidade: <u>Florianópolis</u>
CEP: [REDACTED]	Instituição: <u>UFSC</u>
Grau de escolaridade ( ) Ensino Médio (X) Graduação ( ) Outros ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado	Profissão: <u>estudante</u>
Propósito da pesquisa ( ) Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado ( ) Produção de Livros (X) Material Jornalístico ( ) Outros	
Acervo Consultado e/ou reproduzido	Áudio ( ) Vídeo ( ) Fotos (X) Livros ( ) Material Jornalístico ( ) e/ou Outros ( ).
ASSINATURA: <u>Ana Luísa Antoniolli</u>	

\* Pelo presente instrumento particular, na qualidade de detentora dos direitos patrimoniais do Banco de Imagem Silvio Ferrari, a Casa da Memória de Florianópolis/FCFFC/Secretaria Municipal de Cultura, esporte e juventude, autoriza, para fins de pesquisa e eventual publicação do acervo da coleção, ciente do compromisso enquanto pesquisador, de que a veiculação e ou reprodução deste acervo preferencialmente deve ser usado para fins de transmissão de conhecimento. O pesquisador fica responsável em creditar/mencionar a fonte de consulta, autor, a Casa da Memória e, em caso de publicação destinar três (03) exemplares da obra produzida à Casa da Memória FCFCC.

Centro de Documentação e Pesquisa Casa da Memória/ Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes/ Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer/ PMF.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA  
BIBLIOTECA CENTRAL  
COLEÇÕES ESPECIAIS



**Termo de responsabilidade por consulta e/ou reprodução de obra**

Eu, Ana Rússia Rodrigues de Souza Antoniosi  
portador(a) do CPF nº [REDACTED], com contato  
pelo tel. cel, [REDACTED] e e-mail  
alrs.antoniosi@gmail.com, declaro:

- a) estar ciente de que a reprodução e utilização de itens do acervo do Setor de Coleções Especiais da BU/UFSC (SCE) é pautada pela Lei de Direito Autoral (Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998), sendo permitida a reprodução de obra que esteja em domínio público ou daquela para a qual se tenha autorização/licença explícita de reprodução por seus autores/titulares dos direitos autorais;
- b) estar ciente de que é proibida a cópia integral de qualquer publicação; e de que é proibido repassar a terceiros as reproduções que me forem cedidas;
- c) assumir o compromisso de utilizar as imagens apenas em trabalho acadêmico ou em outra publicação sem fins lucrativos, mencionando, ao final da referência da obra, o crédito ao SCE na forma: "Acervo das Coleções Especiais - Biblioteca Universitária/UFSC";
- d) estar ciente de que a reprodução é autorizada pelo SCE conforme o estado de conservação da obra;
- e) assumir o compromisso de compartilhar com o SCE o resultado da pesquisa (livros, artigos, publicações on-line, etc.) realizada com obra do SCE, para que a BU/UFSC possa acompanhar a relevância e repercussão do acervo na sociedade.

**Observações!**

Não são permitidos na sala de consulta mochilas, bolsas e canetas.

Podem ser utilizados e são de responsabilidade do pesquisador itens como lápis, computador, câmeras (sem utilização do flash), telefone e papel para anotação.

É necessária higiene adequada das mãos e não se deve molhar as pontas dos dedos para virar as páginas, dobrar, perfurar ou rasgar folhas.

Utilize os EPIs fornecidos pelo SCE.

Ao observar danos ocasionados pelo uso/manuseio, comunique ao SCE e, antes de se retirar da sala de consulta, inspecione se esqueceu algum objeto.

Florianópolis, 06/11/24

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

**Relação dos documentos a serem consultados e/ou reproduzidos e Coleção a qual pertence:**

Data	Acervo	Assinatura
	CEAV - Relatório das tradições e costumes de SC. Partes I, II e III	
	CEAV - O Rio em SC	
	CEAV - Jêbra de SC	
	CEAV - Arquitetura dos municípios Jesuítas da Ilha de SC, maio 1983	
	CEAV - Um programa especial sobre SC: seu aspecto não cultural desde o pré-histórico até a atualidade	

CEMI - Fotos da cidade de Florianópolis (grupos localizados)

CEMI - Fotos digitalizadas de Zuri Machado (grupos pessoais)